

Revista 2 DE JULHO

CAETITÉ, BAHIA
4ª Edição

SÓ O AMOR CONSTRÓI

*Caetité
Terra que celebra
a Liberdade*



SÓ O AMOR CONSTRÓI

REVISTA DOIS DE JULHO

Caetité terra que celebra a liberdade
v. 4, n. 1 — Caetité, Bahia, Brasil

INSTITUIÇÃO EDITORA

Prefeitura Municipal de Caetité
Secretaria Municipal de Educação
CNPJ: 30.922.940/0001-07
Rua Prof^a. Marlene Cerqueira de
Oliveira, 1000 - Bairro Prisco Viana
Centro Administrativo de Caetité, 1000,
Bairro Prisco Viana, Caetité/BA
E-mail: educacao@caetite.ba.gov.br
Telefone: (77) 3454-5754

EDITORAS

Prof.^a Dra. Fernanda de Oliveira Matos
Secretaria Municipal de Educação de Caetité
Prof.^a Ma. Maria José Couto Gonçalves
Secretaria Municipal de Educação de Caetité

COLABORADORES DA EDIÇÃO

Ana Soares Oliveira Cardoso
André Koehne
Daniel Rodrigues Nunes
Edimilson de Brito Gomes
Elvano Caires Sousa
Ivana Bastos
Jaguaracyra da Silva Soares Pereira
Jair Antônio Soares
João de Oliveira Chaves Neto
Kyara Kelly Rodrigues Santos Maia
Luiz Pereira Benevides
Marcos Fernandes Silva
Maria de Fátima Neves Barberino Silva
Nadir de Souza Lédo
Nivaldo Osvaldo Dutra
Romilton Ferreira
Zezito Rodrigues

GANHADORES DO CONCURSO DOIS DE JULHO

Elloá Santos Leite
E. M. José Ferreira Pinto
Nicolle Carvalho Prado
E. M. Bento Oliveira Ledo
Sophia Emanuele Rodrigues Martins
E. M. José Ferreira Pinto
Ian Augusto Silva Moreira
E. M. Senador Ovídio Teixeira
Lohane Silva Oliveira
E. M. Prof. Emiliana Nogueira Pita
Adriana Ribeiro da Silva
E. M. Senador Ovídio Teixeira
Luís Eduardo Santana Castro
E. M. Vereador Clemente Ferreira de Castro

REVISÃO DE TEXTO

Prof. Ma. Tatiane Novais Brito

CAPA E FOTOGRAFIAS

Capa: Jovana Alves da Silva - Desfile de Dois de Julho 2025
Foto: Diretoria de Comunicação da Prefeitura Municipal de Caetité

**DADOS TÉCNICOS**

Tipo de publicação: Impressa
Periodicidade: Anual
Ano de criação: 2023

CRÉDITOS

© Secretaria Municipal de Educação
de Caetité, 2026
Todos os direitos reservados.

**PROJETO GRÁFICO
E DIAGRAMAÇÃO**

Clésio Caldeira - Gráfica Veredas

IMPRESSÃO

Gráfica Veredas

*A responsabilidade pelos textos
publicados é exclusivamente de seus
autores.



Desfile 2 de Julho 2025, Acervo DIRECOM

A Revista Dois de Julho chega à sua quarta edição reafirmando seu compromisso com o registro, a valorização e a difusão da memória de uma das mais significativas celebrações cívicas do município de Caetité e até do estado da Bahia.

Mais do que rememorar uma data, esta publicação se constitui como espaço de encontro entre diferentes vozes, experiências e olhares que, ao longo do tempo, têm contribuído para manter viva a tradição das comemorações da Independência da Bahia.

Nesta edição, a revista reafirma seu objetivo de registrar aspectos da festa a partir de múltiplas perspectivas, reunindo textos de pesquisadores, estudiosos e participantes que, por meio de distintas abordagens, ajudam a compreender a complexidade e a riqueza dessa manifestação cultural. Ao mesmo tempo, propõe-se a refletir sobre a temática escolhida para o ano, **Caetité terra que celebra a liberdade** explorando diferentes tipologias textuais e linguagens, o que amplia as possibilidades de leitura e interpretação desta celebração.

Neste contexto, destacamos a participação dos estudantes da Rede Municipal de Ensino, protagonistas de um importante trabalho pedagógico desenvolvido nas escolas e que chegam às ruas da cidade no desfile de Dois de Julho. Por meio do Concurso Dois de Julho, os alunos são convidados a pesquisar, interpretar e expressar suas percepções sobre esta celebração e seus significados. As produções estudantis, aqui reunidas e publicadas, revelam a potência da escola como espaço de construção de conhecimento e de fortalecimento dos vínculos entre memória, identidade e pertencimento.

A Revista Dois de Julho consolida-se, assim, como um espaço onde memória, identidade e patrimônio se entrelaçam, tendo como ponto de partida uma celebração que, de forma secular, mobiliza a cidade e reafirma seu lugar na história. Ao registrar e refletir sobre essa tradição, a revista contribui não apenas para sua preservação, mas também para sua contínua reinvenção pelas gerações que a vivenciam.

Valtécio Aguiar
Prefeito de Caetité

APRESENTAÇÃO



Desfile de Dois de Julho 2025 - Acervo: DIRECOM

Revista Dois de Julho

Em sua quarta edição, a *Revista Dois de Julho* reafirma seu lugar como um espaço de reflexão, registro e compromisso com a preservação de uma memória que não se limita ao passado, mas se atualiza a cada celebração. Em Caetité, o Dois de Julho ultrapassa o calendário cívico e se consolida como experiência viva, atravessada por afetos, pertencimentos e disputas de sentidos sobre a própria história.

Ao tomar como ponto de partida a temática *Caetité: terra que celebra a liberdade*, esta edição assume a responsabilidade de não apenas registrar a festa, mas também problematizá-la, ampliando os olhares sobre seus significados e as suas particularidades. A pluralidade de vozes reunidas aqui, entre pesquisadores, participantes e diferentes sujeitos sociais, evidencia que a memória é um campo dinâmico, construído coletivamente e em permanente diálogo com o presente.

Nesse contexto, ganha especial relevância a presença e o diálogo entre pesquisadores, memorialistas e estudantes da Rede Municipal de Ensino, cujas produções, oriundas do Concurso Dois de Julho, revelam a potência do trabalho pedagógico desenvolvido nas escolas. Ao incorporar esses olhares, a revista não apenas reconhece a escola como espaço de produção de conhecimento, mas também reafirma o papel das novas gerações na continuidade e ressignificação dessa tradição.

Ao propor diferentes tipologias de textos e linguagens para abordar a temática anual, esta edição amplia as formas de narrar e compreender a festa, reforçando a ideia de que memória, identidade e patrimônio não são dimensões estanques, mas territórios em constante construção. Mais do que um registro, esta publicação se posiciona como um convite à reflexão: que sentidos atribuímos hoje às celebrações que herdamos? Que histórias escolhemos contar e preservar?

Assim, a *Revista Dois de Julho, Caetité: terra que celebra a liberdade* reafirma seu compromisso com a valorização de uma celebração que, ao longo do tempo, tem constituído a identidade local. Ao mesmo tempo, provoca o leitor a reconhecer que preservar não é apenas guardar, mas interpretar, questionar e reinventar, garantindo que a chama da liberdade, celebrada em Caetité, continue a iluminar o presente e o futuro.

Jorge Antônio dos Santos
Secretário Municipal de Educação de Caetité



06 **Caetité:** Terra que
Celebra Liberdade



16 **O ato de celebrar a liberdade
em Caetité se traduz na
relação viva entre escolha,
memória e identidade**



20 **Caetité:** O Coração do Sertão
na Independência da Bahia



22 **O Bando
Anunciador**



24 **O Te Deum do 2
Julho**



28 **Nasce o sol ao
Dois de Julho**



31 **Os vaqueiros encourados de
Lagoa Real e a celebração da
independência da Bahia em
Caetité**



33 **Memórias que dançam
no tempo: a história das
criações de Idalino**



35 **Memórias do 2 de Julho
de 2025: O Sertão nas Lutas
pela Independência**



39 **Tu vens, tu vens, que eu
já escuto teus sinais...**



41 **Projeto de Dois de Julho**
Uma proposta de Educação
patrimonial para a Rede
Municipal de Ensino de Caetité



43 **Concurso Artístico
Literário Dois de Julho**



51 **Caetité mantém a
tradição do 2 de Julho
no Sertão**



54 **A fuga das
professoras**



56 **Coisas que aparecem
no Dois de Julho de
Caetité**



58 **A Pedra Fundamental
do Dois de Julho** Cultura
e história unidas em
200 anos de Caetité na
Independência da Bahia



59 **Nunca mais, nunca mais
o despotismo: viva a
nossa liberdade!**



62 **Elas são Maria
Felipa: mulheres
pretas que
sustentam,
resistem
e transformam**
Histórias de
resistência, fé e
legado

SUMÁRIO



Desfile de Dois de Julho 2025 - Acervo: DIRECOM

Caetité: Terra que Celebra Liberdade

Nivaldo Osvaldo Dutra¹

Escriver é sempre um grande desafio, e falar sobre uma temática tão significativa para mim e para muitos baianos – O Dois de Julho e particularmente o Dois de Julho em Caetité é um ato de celebração, celebrar de uma forma bem particular, nesse sentido estou envolvido com esse território e ativo nessas comemorações do Dois de Julho desde o ano de 1994. Já fiz um pouco de tudo e contribui para a continuidade e as memórias que trago logo a seguir sobre a importância dessa comemoração celebrativa.

Fazer parte desses momentos é não só dizer o que sinto, mas é também refletir como a cidade

de Caetité manteve ao longo dos anos a memória viva do ato de liberdade que simboliza as comemorações do Dois de Julho, o processo de Independência da Bahia e do Brasil.

Pensar a Cidade de Caetité no tempo presente é também trazer a baía as memórias da “Caetité Pequena e Ilustre”, de Helena Lima, sempre nos situando que a cidade em qualquer momento histórico possui seus lugares de memórias, como aponta Pierre Nora, para ele a ideia de “Lugares de Memória” (*Les Lieux de Mémoire*), que é o conceito desenvolvido no final dos anos 70 e início dos 80, consolidando-se na obra homônima publicada entre

1984 e 1992, que analisa como a memória coletiva se cristaliza em locais, objetos ou eventos, espontânea desaparece. Por isso é significativa a preservação e manutenção desses “lugares de memórias”, porque eles em si ajudam a construir as identidades individuais e coletivas, mesmo quando não temos consciência sobre isso, em determinados momentos queremos estar ou fazer o possível para estar nesses lugares que nos ajudam a entender quem somos, de onde viemos e para onde queremos ir. Essas relações sociais que se estabelecem nesses lugares marcam nossas vidas no plano individual e social.

¹ Professor Titular da Universidade do Estado da Bahia, colaborador do Programa de Pós-Graduação em Ensino Sociedade e Linguagem, PPGELS.

As questões apontadas acima ficam ainda mais evidentes quando se referem a momentos celebrativos, e aqui podemos apontar o que acontece na cidade de Caetité, seja no campo religioso, social, ou nas comemorações cívicas, como é o caso do Dois de Julho, onde pessoas nascidas na cidade ou não se fazem presente quase que todos os anos, para comemorar de forma celebrativa esse acontecimento. Eu não sou filho desse lugar, nos últimos trinta anos, pude participar de vários desses momentos e pude constatar como as pessoas ainda se emocionam, às vezes até mesmo sem entender sobre o cortejo e as representatividades que são trazidas durante o desfile das comemorações do Dois de Julho.

Falo aqui de uma celebração que historicamente está completando duzentos anos, ela não teria essa duração se não fosse importante para esses sujeitos, tantos os que nasceram nesse lugar, como para os que adotaram a cidade como espaço para viver, constituir família, trabalhar, entre outros motivos particulares.

Pensar nesse lugar da cidade onde a vida acontece é demarcar todo o potencial que o patrimônio pode exercer na construção de nossa identidade. Falar aqui de identidade é trazer para a tela outro autor extremamente relevante, Stuart Hall (2005) que define identidade na pós-modernidade como um processo contínuo, fragmentado e descentrado, e não como algo fixo ou essencial. Ele argumenta que identidades culturais e nacionais são construídas por representações, narrativas e pela “interpelação” social, mudando com a globalização e a modernidade tardia.

Ao conhecer esse olhar apontado por Hall, podemos aprimorar o entendimento do porque é im-



Desfile de Dois de Julho 2025 - Acervo: DIRECOM

portante celebrar, celebrar aqui no sentido mesmo de festejar, celebrar particularmente nesse ano de 2026, o marco da Liberdade em terras baianas “O dois de julho”.

Refletir sobre essa festa é trazer as memórias dos nossos ascendentes, aqueles que ao longo dos tempos criaram e mantiveram essas celebrações, de certa forma estavam ajudando a constituir nossas identidades, como sujeitos caetiteense, pertencentes ao território do Alto Sertão da Bahia, falar aqui do território Alto Sertão da Bahia, é falar no sentido histórico da dimensão e composição de Caetité, como centro político e admirativo da vasta região territorial, que mesmo tendo seu território fragmentado ao longo do tempo, esses sujeitos durante esses dias celebrativos dos festejos do Dois de Julho retornam a essa cidade para junto dos seus moradores comemorar.

Ao olharmos a comemoração em si, precisamos entender que tudo que nossos olhos visualizam durante o cortejo é a somatória do trabalho de muitos, que se envolvem durante os meses que antecedem as celebrações, discutindo, preparando materiais, ensaiando, organizando os quadros históricos, para que o

público consiga não só visualizar e celebrar as memórias históricas da Independência da Bahia, mas também se sentiram coparticipante de todo esse processo.

Assim sendo tudo que acontece nesses dias celebrativos é o somatório do trabalho de muitos e ao mesmo tempo constitui-se como lugar do vivido e do vivenciado, são nossas representações na cidade e no território, são ao mesmo tempo nossas memórias submergindo, e nossas identidades como sujeitos se constituindo e reconstituindo nesse lugar o tempo todo. “Viva o dois de Julho”, Viva a Cidade de Caetité.

REFERÊNCIAS:

HALL, Stuart. **Identidade e cultura na pós-modernidade**. 10. ed. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Ed. DP & A, 2005.

NORA, Pierre. **Entre memória e história**. A problemática dos lugares. In: Projeto História 10. História & Cultura. São Paulo: Ed. PUC-SP, 1993.

PRIMEIRA A FESTEJAR

**A PRIMEIRA DA BAHIA A FESTEJAR
A EPOPEIA DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL
DOS PERIQUITOS A CABRITO E PIRAJÁ
NOSSA GENTE NÃO DEU TIRO DE FUZIL!**

**CORAGEM, DETERMINAÇÃO E ESTRATÉGIA
NOSSO AGUERRIDO BATALHÃO ASSUMIU
NÃO MAIS RESPEITOU A CARTA RÉGIA
ERA TUDO OU NADA, ERA A LIBERDADE DO BRASIL!**

**203 ANOS DA ÚLTIMA CENA
BICENTENÁRIO MEMORÁVEL
A CAVALARIA DESFILA E FESTEJA
O POVO VIBRA COM ORGULHO INCOMPARÁVEL!**

**CAETITÉ A PRIMEIRA DA BAHIA
A REVERBERAR A INDEPENDÊNCIA DO BRASIL
A CADA ANO COM ILUMINADA SABEDORIA
DESFILA TRIUNFANTE COM ORGULHO SUTIL!**

**CAETITÉ PLEITEIA AOS QUATRO VENTOS
UM DIA, EM SEU SOLO, A GOVERNANÇA
ALCANÇOU COM SEU BRADO A SOBERANIA
VITÓRIA QUE SELOU A ALIANÇA!**

**CAETITÉ, 08 DE JULHO DE 2025
ROMILTON FERREIRA**



Desfile de Dois de Julho 2025 - Acervo: DIRECOM



Descobrendo a Liberdade

Ama morava em outro estado e sua mãe decidiu passar um dia em Brasília no mês de julho para mostrar o desfile da Independência da Bahia para sua filha.

As duas foram acompanhando todo o cortejo desde o início para não perder nenhum quadro.

De repente, Ama viu algo enorme no desfile...

Era um dragão soltando fogo.

Ama apertou a mão da sua mãe.

— Mamãe, por que tem dragão no desfile?

A mãe sorriu, com calma respondeu:

— Esse dragão, representa a tirania portuguesa.

— O que é tirania?

— É quando o povo sofre injustiças, e não tem liberdade.

É logo junto ao dragão tem uma cabeça, por quê?

— Significa que os indígenas não tem medo do dragão?

— Não é que os indígenas não tenha medo dele, na verdade, representa força, coragem do povo que não aceitou ser dominado.

Ao longo do desfile, Ama foi percebendo que a nossa liberdade é inegociável, e que todos devem lutar por ela.

Aluna: Larissa Lopes Pereira

Prof. Orientadora: Christiane Rodrigues Silva

E. M. Prof. Waldir Cardozo

Produção participante do Concurso Dois de Julho 2026

A Independência da Bahia nos Sertões de Caetité: Política, Participação e Memória na Perspectiva do prof. Zezito Rodrigues

Resumo

Este artigo analisa a inserção dos sertões baianos, com foco central na Vila Nova do Príncipe e Santana de Caetité, no processo de Independência do Brasil na Bahia (1822-1823). Tradicionalmente, a historiografia privilegiou o eixo Salvador-Recôncavo como palco exclusivo dos confrontos e decisões políticas. Contudo, amparando-se nas reflexões e pesquisas locais, especificamente nas contribuições do professor e historiador Zezito Rodrigues da Silva, demonstra-se que o interior desempenhou um papel basilar e autônomo. O artigo examina a mobilização política da Câmara local de Caetité, o alinhamento com a Junta Conciliatória e de Defesa de Cachoeira, o envio crucial de suprimentos (gado e víveres) e homens para as frentes de batalha, e as dinâmicas de poder local. Discute-se, ainda, como a memória institucional e popular dessa participação histórica é preservada viva anualmente por meio dos tradicionais festejos cívicos do 2 de Julho no município de Caetité (BA).

Palavras-chave: Independência da Bahia. Caetité. Sertões. História Política. Zezito Rodrigues da Silva.

1. Introdução: Deslocando o Eixo Analítico para os Sertões

A narrativa histórica acerca da Independência do Brasil na Bahia consolidou-se, durante muito tempo, através de um prisma focado no litoral e na região do Recôncavo Baiano. Os embates em Salvador, a resistência em Cachoeira, Santo Amaro, São Francisco do Conde e a icônica Batalha de Pirajá formaram o imaginário cívico em torno da expulsão das tropas portuguesas lideradas por Inácio Luís Madeira de Melo. No entanto, tal perspectiva silenciou a capilaridade e a importância geoestratégica de áreas distantes do oceano, sugerindo equivocadamente que a interiorização do conflito foi marginal ou irrelevante.

É nesse contexto de revisão historiográfica e resgate da memória regional que o trabalho de historiadores e professores baianos como Zezito Rodrigues da Silva ganha fundamental importância. De acordo com as análises do professor Zezito Rodrigues, ao voltarmos nossas lentes para o Alto Sertão, particularmente para a Vila Nova do Príncipe e Santana de Caetité, compreendemos que o 2 de Julho também teve forte enraizamento sertanejo. A independência não foi apenas exportada do litoral para o interior: o interior foi agente ativo e coautor da formação do novo regime monárquico brasileiro.

Este artigo tem por objetivo apresentar um panorama analítico sobre a Independência da Bahia vista sob a ótica dos

sertões de Caetité. Através de um diálogo com a perspectiva apresentada pelo professor Zezito Rodrigues, exploraremos a participação política de autoridades e populares locais, o suporte logístico à frente de batalha e o legado memorialístico que atravessa séculos na forma da Festa do 2 de Julho de Caetité.

2. O Alinhamento Político e a Atuação da Câmara de Caetité

Para entender o protagonismo de Caetité, é preciso observar sua estatura no período colonial e início do imperial. Possuindo um território de vastas dimensões e um interposto comercial estratégico – ligando as rotas de gado e mineração ao litoral e à província de Minas Gerais –, Caetité detinha uma elite agrária e comercial muito atenta às turbulências políticas do início da década de 1820. Como ressalta o pensamento do professor Zezito Rodrigues, as câmaras municipais interioranas eram os verdadeiros polos de articulação política do Brasil nascente.

Quando as tensões entre portugueses e brasileiros explodiram, a Câmara de Caetité não se omitiu. Sob a influência das elites locais e dos grupos favoráveis à causa do Príncipe Regente D. Pedro, a vila de Caetité proclamou sua aliança à pátria nascente. Em meados de 1822 e início de 1823, a vereança caetiteense emitiu juramentos de lealdade ao projeto do Rio de Janeiro, enquanto repudiava a autoridade das Cortes de Lisboa e a ocupação lusa em Salvador.

Vale destacar que essa adesão não foi pacífica de ponta a ponta. Como era característico das províncias da época, havia choques faccionais internos. O mérito analítico, recorrentemente defendido por pesquisadores da história local como Zezito Rodrigues, está em mostrar que a política caetiteense era permeada por intensos debates, cartas oficiosas, discursos exaltados e decisões institucionais de peso, provando o alto grau de politização do ambiente sertanejo no início do século XIX.

3. Suporte Material e Envio de Forças no Esforço de Guerra

A importância política traduziu-se, rápida e efetivamente, em força militar e diplomática. O Conselho Interino de Governo (situado em Cachoeira), precisava desesperadamente de fundos, fardamentos, pólvora, armamentos e, sobretudo, mantimentos para sustentar os milhares de combatentes que sitiaram Salvador. É nesse instante que os discursos de independência se materializam no sertão de Caetité.

A leitura feita pelo professor Zezito Rodrigues sobre os documentos do período aponta as correspondências militares que demonstravam a dependência do exército pacificador em relação aos recursos do sertão. Fazendeiros, coronéis de milí-

cias e donos de tropas de mulas enviaram centenas de cabeças de gado e montarias para a frente de batalha do Recôncavo. Esse esforço de guerra baseava-se numa intrincada rede de solidariedade – frequentemente garantida através de contribuições ‘voluntárias’ que serviam para assegurar a lealdade destas elites locais ao governo de D. Pedro.

Além disso, o que as palestras sobre a história de Caetité reiteram é a arregimentação de soldados. Indivíduos da região do Alto Sertão foram recrutados e marcharam centenas de quilômetros para se incorporarem aos batalhões patrióticos, integrando um enorme mosaico de baianos livres, libertos, escravizados, indígenas e sertanejos que impôs o cerco definitivo a Madeira de Melo e seus aliados lusitanos.

4. A Festa de 2 de Julho: Memória e Identidade Sertaneja

Se a participação material e institucional nos anos de 1822 e 1823 consolida um capítulo fundamental, é a memória contínua dessa luta que atesta o real vigor cultural de Caetité frente ao legado da Independência. Um dos eixos mais debatidos e celebrados pelo professor Zezito Rodrigues é exatamente a Festa do 2 de Julho que se realiza na cidade. Trata-se de uma das maiores e mais antigas festividades cívicas do tipo no Estado, rivalizando muitas vezes com o evento realizado na própria capital baiana.

Ao contrário das festividades convencionais e estritamente militares, a celebração em Caetité engloba componentes folclóricos, populares e catárticos. Em seus desfiles, destacam-se a figura indomável do Caboclo e da Cabocla, carros alegóricos representativos de grupos que ajudaram a compor e sustentar a região, culminando no grandioso desfile equestre, no qual figuras representativas trajadas como guerreiros resgatam o imaginário do batalhão sertanejo voltando vitorioso da guerra.

Na perspectiva de Zezito Rodrigues, ao realizar o desfile e manter a tradição do Te Deum (cântico de agradecimento) e o hasteamento do pavilhão, a comunidade de Caetité não apenas reverencia a nação: reverencia a si própria. O sertanejo usa o 2 de Julho para se reafirmar como fundador da nacionalidade, reivindicando seu espaço no centro da história da Bahia e não nas suas margens esquecidas.

5. Considerações Finais

O estudo acerca do papel de Caetité nas guerras de Independência evidencia um panorama histórico multiforme. Resgatar as articulações dos sertões, através da ótica das pesquisas locais e das valiosas palestras e textos de Zezito Rodrigues da Silva, implica uma devida e necessária reparação historiográfica.

Vila Nova do Príncipe e Santana de Caetité provou não apenas estar conectada aos ideais das elites do Recôncavo e aos clamores do Rio de Janeiro, mas agir com voz altiva. Suas contribuições logísticas foram decisivas e seus homens entre-

garam o sangue necessário no longo caminho até as batalhas cabais da deposição de Madeira de Melo. Acima de tudo, o fato de tal município converter tais atos heroicos na celebração anual e majestosa do 2 de Julho demonstra que a identidade emancipatória brasileira tem no sertão não apenas um coadjuvante material, mas um protagonista simbólico permanente.

REFERÊNCIAS:

KRAAY, Hendrik. Política e Cultura Cívica na Bahia no século XIX. Salvador: UFBA, 2012.

REIS, João José; SILVA, Eduardo. Negociação e Conflito: a resistência negra no Brasil escravista. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SANTOS, Helena Lima. Caetité, pequenina e ilustre. Brumado-BA: Tribuna do Sertão, 1997.

SILVA, Z. R. Zezito. Reflexões Palestras e Artigos sobre a História Regional do Alto Sertão da Bahia. (Referências advindas de palestras e acervo regional da UNEB – Caetité).

SILVA, Z. R. A VILA DE CAETITÉ NAS TRAMAS DA INDEPENDÊNCIA (BAHIA, 1821-1832). In: Maria das Graças de Andrade Leal, Virgínia Queiroz Barreto e Avanete Pereira Sousa. (Org.). Bahia, 2 de julho: uma guerra pela Independência do Brasil. 1 ed. Salvador, BA.: EDUNEB, 2023, v, p. 193-225.

SILVA, Z. R.. Uma Vila na Periferia do Império: Vila nova do Príncipe e Santana de Caetité, 1810-1821 - Volume II; Economia e Territorialidade no Alto sertão da Bahia. 1. ed. Rio de Janeiro, RJ: Pod Editora, 2023. v. 2. 295p .

SILVA, Z. R.. A Vila de Caetité na Independência da Bahia. Revista do Bicentário do 2 de julho, Auditório da Casa Anísio Teixeira, p. 09 - 12, 01 jul. 2023.

SILVA, Z. R.; FLORINDO, G. M. ; GOULARTE, R. S. Uma vila na periferia do império: Experiências políticas de uma sociedade sertaneja no contexto da independência do Brasil (Vila Nova do Príncipe e Santa Anna de Caetité - BA, 1822-1825). 2022. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).

TAVARES, Luís Henrique Dias. História da Bahia. Salvador/São Paulo: Ed. UFBA/UNESP, 2001.

TAVARES, Luís Henrique Dias. A Independência do Brasil na Bahia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.



Aluno João Henrique Flores de Souza
 Prof. Orientadora Zenir Evangelista França
 E. M. Prof. Manoel Teixeira Ladeia
 Produção participante do Concurso Dois de Julho 2026

As lutas por liberdade!

Terra de muitas histórias,
Que preserva as memórias,
Em meio a modernidade,
Diante de sua cultura,
Mantém-se a arte e a literatura,
Como formas de liberdade.

Caetité celebra a Independência!
Que se deu pela força e essência,
Na luta pelo reconhecimento,
Ganhou-se autonomia,
Foi no Estado da Bahia.
Que se consolidou o movimento.

Caetité celebra com grandeza,
O povo e sua braveza,
Ao opressor não foi temente,
A Bahia tornou-se o marco da história,
O povo simples ficou na memória,
E o Brasil de fato independente.

Diante da opressão portuguesa,
Os interesses da nobreza,
Não tiveram a mesma intensidade,
E o desejo de mudança,
Alimentou a esperança,
Nasceu o novo Sol da liberdade.

O dois de julho é um marco importante,
Para além do grito retumbante,
No Ipiranga, dado pelo imperador,
Na Bahia foi o povo,
Que de um jeito corajoso,
A independência conquistou.

Professor Marcos Fernandes Silva



Desfile de Dois de Julho 2025 - Acervo: DIRECOM





Desfile de Dois de Julho 2025 - Acervo: DIRECOM

O ato de celebrar a liberdade em Caetité se traduz na relação viva entre escolha, memória e identidade

Fernanda de Oliveira Matos ¹

O tema desenvolvido nas atividades do Dois de Julho de Caetité neste ano de 2026 nos convida a refletir sobre a celebração da Independência da Bahia que ocorre na cidade há aproximadamente duzentos anos e ao pensarmos nos elementos que compõem a referida festividade e como ela acontece, uma questão nos chama à reflexão: O que entendemos por “celebrar”? Qual a importância de uma celebração para um grupo, uma comunidade?

O conceito de “celebração” ou o ato de celebrar é amplo e pode ser abordado por diferentes áreas do conhecimento, justamente por envolver dimensões simbólicas, sociais, culturais, políticas e até psicológicas da vida humana. Cada campo faz a sua análise e suas reflexões a partir de perguntas e métodos próprios, o que enriquece bastante a compreensão deste fenômeno social.

Para as ciências humanas, de maneira geral, o “celebrar” não é apenas um ato festivo, mas um fenômeno complexo, atravessado por disputas de memória, construção de identidades e produção de significados sociais.

É deste lugar que falamos sobre esse assunto nessa revista.

O ato de celebrar ocupa um espaço central na construção e na preservação da identidade e da memória coletiva de um grupo. Mais do que momentos comemorativos, as celebrações funcionam como práticas sociais carregadas de significados, nas quais o passado é constantemente reinterpretado e atualizado no presente. Por meio delas, grupos sociais reafirmam valores, narrativas e pertencimentos, fortalecendo laços que sustentam a continuidade de suas histórias.

¹ Historiadora, Mestre em Educação e Contemporaneidades, Doutora em Memória: Sociedade e Linguagem, Pós Doutoranda em Educação e Ensino, professora da Rede Municipal de Ensino de Caetité.

A partir das reflexões de historiadores como Eric Hobsbawm e Terence Ranger (1984), é possível compreender as celebrações como parte das chamadas “tradições”, entendidas como construções históricas dinâmicas em constante transformações.

Para Hobsbawm, as tradições são frequentemente reinventadas ao longo do tempo, adaptando-se às necessidades e aos contextos de cada geração. Nesse sentido, celebrar é também um ato de seleção: escolhe-se o que lembrar, como lembrar e por que lembrar.

Assim, as celebrações contribuem para a produção de uma continuidade simbólica, ainda que marcada por transformações, garantindo a permanência de certos elementos identitários que ajudam a caracterizar o grupo.

Essa perspectiva dialoga diretamente com o conceito de memória coletiva formulado por Maurice Halbwachs (2006), onde a memória é socialmente construída, sendo moldada pelos grupos aos quais pertencemos.

As celebrações, nesse contexto, funcionam como espaços privilegiados de atualização dessa memória coletiva, pois nelas o grupo revive, reencena e reafirma acontecimentos e significados compartilhados. Ao participar desses rituais, os indivíduos não apenas recordam o passado, mas dão vida a eles.

Celebrar implica não apenas preservar memórias, mas também negociar quais histórias serão legitimadas como representativas do grupo, elas lançam luz sobre o que se quer

lembrar e também o que será colocado no esquecimento.

Enquanto algumas narrativas são destacadas e institucionalizadas, outras podem ser marginalizadas ou apagadas. Neste sentido temos as contribuições de Michael Pollak (1989), introduzindo uma dimensão fundamental para essa discussão: a relação entre memória e esquecimento. Para Pollak, a memória está entre disputas, silenciamentos e omissões. Dessa forma, o ato de celebrar se configura como um processo complexo e ativo de construção social da memória e da identidade. Ao reunir indivíduos em torno de práticas simbólicas compartilhadas, as celebrações produzem pertencimento, reforçam vínculos e consolidam sentidos coletivos sobre o passado. Ao mesmo tempo, evidencia que tanto a memória quanto a identidade são dinâmicas, seletivas e constantemente reconstruídas.

Celebrar, portanto, é também um exercício de poder simbólico, no qual se define não apenas quem somos, mas quais histórias escolhemos contar sobre nós mesmos.

Como observa o historiador Pierre Nora (1993), as celebrações constituem lugares de memória, espaços simbólicos nos quais o passado é reativado para dar significado ao presente. Assim, comemorar não é repetir, mas reinterpretar o passado à luz das necessidades e visões do tempo atual.

A história cultural oferece um olhar privilegiado sobre essas práticas. Para o historiador Roger Chartier (1990), as celebrações integram o campo das práticas e representações

— são modos pelos quais grupos sociais expressam valores, hierarquias e identidades. Elas não apenas recordam o que aconteceu, mas constroem narrativas sobre o que deve ser lembrado.

Nessa perspectiva, o ato de celebrar é uma forma de ação social e simbólica, que transforma a memória em experiência compartilhada. Toda celebração é, portanto, um campo de construção identitária.

Assim, o ato de comemorar é, simultaneamente, um gesto de memória e de política: quem celebra define o que será lembrado e como será narrado como destaca Jacy Alves de Seixas (2002)

Além disso, a historiadora Maria Clementina Pereira da Cunha (2001), chama atenção para o fato de as celebrações coletivas serem também espaços de resistência e de negociação simbólica — nelas se condensam conflitos e permanências. O filósofo francês Paul Ricoeur (2007) amplia essa discussão ao compreender a memória como uma dimensão ética. Celebrar implica responsabilidade: é um modo de reconhecer o passado, mas também de se posicionar frente a ele.

Dessa forma, o ato histórico de celebrar não se reduz à lembrança de um evento, mas traduz a relação viva entre memória e identidade. Cada celebração é uma narrativa que atualiza sentidos e, ao fazê-lo, re-inscreve os sujeitos na trama do tempo. Por meio da celebração as sociedades constroem sua história, reafirmam suas pertencas e projetam futuros possíveis.

Em Caetité, celebrar o Dois de Julho é tudo isso e mais um pouco.

Estamos falando sobre uma celebração constituída por um conjunto de atividades de cunho pedagógico, cívico e cultural que a particularizam ao ponto de se torná-la singular nesta região, como também no Estado da Bahia.

A única onde, ao seu papel cívico, é acrescentado elementos históricos referentes à participação local no processo de independência e a presença de milhares de cavaleiros que dão à essa celebração o caráter cultural, popular e lúdico bastante simbólico para este território sertanejo.

Atos simbólicos centenários como, levantamento do mastro, a levada da cabocla, a celebração do Te Deum, entre outros, singularizam a celebração do Dois de Julho em Caetité, não esquecendo de tantos atos que não resistiram ao passar do tempo e com ele se perderam, como os espetáculos teatrais (A roubada da princesa)

e os bailes que encerravam a festividade.

Ao mesmo tempo em que muitos atos se perderam com o tempo, outros foram incorporados, dando a essa tradição um ar de movimento e ressignificação que garantem a sua permanência e a adesão de diferentes gerações vão herdando esses modos de celebrar a independência em Caetité.

Desta forma, o Dois de Julho de Caetité é um lugar de memória (NORA, 1993), onde tradição, história e identidade se entrelaçam.

O tombamento da festa pelo Decreto nº 57/2020 reconhece seu valor histórico e simbólico, dependendo de nós a sua transmissão às novas gerações e a sua salvaguarda enquanto patrimônio imaterial local.

Ao valorizar, salvaguardar essa celebração e suas particularidades, garantimos que a nossa e as futuras gerações tenham a oportunidade de conhecer essa tradição fortalecendo sua identidade.



Aluna da E. M. Conceição Pontes - Acervo da Escola

REFERÊNCIAS:

CHARTIER, Roger. A história cultural: entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 1990. HARTOG, François. Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. Ecos da folia: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920. São Paulo: Companhia das Letras, 200.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. Tradução de Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2006.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (org.). A invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. Projeto História, São Paulo, n. 10, p. 7-28, 1993.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, 1989.

RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

SEIXAS, Jacy Alves de. Os tempos da memória: (des) continuidade e projeção. Uma reflexão (in)atual para a História? Projeto História, São Paulo, n. 24, p. 43-63, 2002.

A Coragem é a alma para vencer



Aluno: Francisco Santana da Silva
Prof. Orientadora: Edineusa Cruz Teixeira
E. M. Vereador Clemente Ferreira de Castro
Produção participante do Concurso Dois de Julho 2026

Caetité: O Coração do Sertão na Independência da Bahia

Edimilson de Brito Gomes ¹



Registro da festa de Dois de Julho na década de 1920, pelo Major Francisco de Moraes - Acervo do Arquivo Público de Caetité

Em pleno século XIX, uma grande extensão territorial, denominada **VILA NOVA DO PRÍNCIPE SANTANA DE CAETITÉ**, nos dá informações históricas sobre Caetité e confirmam a importância fundamental da cidade nas celebrações da Independência da Bahia. A tradição local indica que as comemorações, iniciadas por volta de 1826, evoluíram com a forte presença de cavaleiros, consolidando-se como um elemento central das festividades que simboliza, até os dias atuais, a resistência e a união do povo.

Historicamente, as celebrações ocupavam áreas centrais como o antigo Largo do Alegre, atual Praça Rodrigues Lima (conhecida como Feira Velha), marcando o sentimento cívico popular. A prática da corrida de argolinha e outros eventos equestres são tradições vivas que abrem os festejos da independência na cidade.

Mantendo esse legado, a noite de 1º de julho integra o calendário festivo com a levada da Cabocla à Pedra do Conselho. O cortejo é conduzido por dois grandes grupos femininos de montaria, o que reafirma o protagonismo das mulheres na luta pela independência.

No dia 2 de julho, a cidade amanhece nos preparativos finais para o grande cortejo cívico. O desfile conta com a participação de escolas municipais e estaduais, instituições culturais, movimentos sociais, diversas fanfarras da região e setores da segurança pública. E lá então eles os grupos de montarias, cerca de 20 grupos.



Desfile de Dois de Julho 2024 - Acervo: DIRECOM

¹ Historiador e Gestor Cultural. Mestre especializado em restauração e políticas públicas de salvaguarda patrimonial. Atualmente atua na administração pública municipal na gestão de políticas de incentivo à cultura e ao turismo.



Desfile de Dois de Julho 2025 - Acervo: DIRECOM

Cavaleiros e amazonas, organizados com maestria em suas camisas simbólicas, dão beleza ao evento e mantêm viva a tradição iniciada na antiga Vila do Príncipe Santana de Caetité.

“ Cavaleiros e amazonas, organizados com maestria em suas camisas simbólicas dão beleza ao evento. ”



Desfile de Dois de Julho 2025 - Acervo: DIRECOM

O Bando Anunciador

João de Oliveira Chaves Neto¹

“Quando ainda não pensava em sol, a tropa milhada e encangalhada, esperava a hora de sair, o bando anunciador da festa de 2 de julho em Caetité”, já se levantava em tropa para anunciar que era o dia tão esperado para anunciar o despertar à festa do 2 de julho, que sendo uma das manifestações culturais mais importantes do Município de Caetité, e mostrando como um alvorecer da independência da Bahia e despertando o senso de patriotismo desse povo Caetiteense. Este bando era um presente do povo para a ilustre Caetité, pois se unia todos em memória dos povos que lutaram pela independência da Bahia com orgulho e carisma.

No Raiar do dia, homens, meninos, mulheres negras e mulheres brancas de credo diferentes, músicos, foliões, saíam pelas ruas com tambores e atabaques, sanfonas, apitos, bandeiras e estandartes e ecoavam pelas ruas da tão ilustre Caetité, subiam as ladeiras, e as ruas e os Becos, conclamando o povo a participar da festa. Uma vez que o espírito libertário marcou a luta dos baianos em 1823.

E assim fazendo reverência aos heróis da independência da Bahia, este bando entoava música em que mostrava a luta do povo e o cortejo reafirmava a identidade do povo Caetiteense.

Portanto em Caetité cidade a 650 km de Salvador, o bando anunciador tinha a tradição de unir os brancos e negros, ricos e pobres, católicos e evangélicos, para com uma espontaneidade de cada cidadão a participar do bando e anunciando o badalar da festa de 2 de julho.

Esse Bando saía de fantasia e adereços, enfeitando as casas para saudar o cortejo e Caetité tornava-se mais colorida e a alegria aparecia nos rostos de cada cidadão de majestosa cidade. Papel do bando, era mostrar a memória do povo e em defesa de uma liberdade que refletia a festa de 2 de julho em Caetité, fazendo com que se tornasse uma resistência da construção da identidade do povo caetiteense, baiano e brasileiro. Para tanto esse bando carregava a história viva através de gerações.

Paulatinamente, o bando anunciador é, foi, e será uma celebração da memória em prol da festa da independência Baiana, e, contudo, trazendo sempre o orgulho de ser brasileiro, baiano e caetiteense.

REFERÊNCIAS:

LINDOLFO de, Rocha. Dusá: Maria. 1. ed. Belém: NEAD - núcleo de /Educação a Distância, 2010. 155 p. v. 1.

Jornal A Penna. Caetité: Arquivo Público de Caetité, Ano da Publicação. v. 1 e2. ISBN BR BA2julhoR2j-1-2.



¹ Historiador, Professor da Rede Municipal de Ensino de Caetité.



Desfile de Dois de Julho 2025 - Acervo: DIRECOM





Celebração do Te Deum - Catedral de Senhora Santana 2025 - Acervo DIRECOM

O *Te Deum* do 2 de Julho

Daniel Rodrigues Nunes ¹

Talvez o nome soe familiar. Talvez a memória lhe traga o eco de um canto entoado pelo Coral da Catedral, em meio às comemorações do 2 de Julho na Princesinha do Sertão. Muitos já o ouviram! Muitos já estiveram presentes! Mas... será que sabem, de fato, o que ele é?

Entre os inúmeros cavaleiros e amazonas que desfilam, e a vibração cívica que toma conta das ruas da histórica Caetité, há um momento em que o som ritmado dos cascos dos cavalos no chão vai se dissolvendo no ar, como se a própria história tomasse fôlego, até que, do alto da torre da Catedral, o repique dos sinos assume a cena, chamando o povo não mais ao movimento das ruas, mas à elevação da alma. E agora a voz de um povo se eleva não mais em grito de luta, mas sim em oração de agradecimento. É nesse instante que **o *Te Deum*** ressoa.

Ao participar de um ato litúrgico em que o *Te Deum* é entoado, alguns acabam pensando que se trata de uma Missa ou de uma celebração independente. Mas, na verdade, **o *Te Deum*** é tão somente um hino cristão, e não uma celebração em si. O *Te Deum* é, antes de tudo, um canto ancestral como a própria Igreja, nascido nos primeiros séculos da fé. Não se sabe precisar com segurança a sua origem: atribui-se a vários autores, como Santo Ambrósio, Santo Agostinho, o bispo São Nicetas de Remesiana. Incertezas de autoria à parte, de uma coisa não há dúvidas, o hino em questão é antiquíssimo e no século VI já tinha entrado na oração monástica e já se considerava um hino tradicional da Igreja Católica.

¹ Advogado, Diretor Presidente da Fundação Cultural e Educacional Santana de Caetité (Rádio Educadora 100,7 FM) Membro Fundador da Associação de Cultura Mons. Oswaldo Magalhães.

Seu nome ecoa em latim, *Te Deum laudamus*, que traduzindo para o português significa “A ti, Deus, louvamos”, e em suas palavras entrelaçam-se o louvor que sobe, a fé que se professa e a súplica que brota do coração humano. É poesia orante, é teologia cantada, é a voz de gerações que aprenderam a transformar a história em gratidão como um hino dos mais antigos da tradição cristã, atravessando séculos como expressão de louvor e gratidão a Deus.

Comumente, o *Te Deum*, é entoado em momentos de grande importância, como: na sagração de um bispo, na canonização de um santo, na publicação de acordos de paz, celebrações solenes da Igreja, encerramento do ano civil (no dia 31 de dezembro) em ação de graças por acontecimentos marcantes (vitórias, conquistas, datas históricas). Nesse contexto, em 1823 com a expulsão das tropas portuguesas de Salvador, acontecimento que ficou conhecido como a Independência do Brasil na Bahia, os baianos regozijados pela conquista da tão sonhada liberdade louvaram a Deus entoando o *Te Deum*.

A vitória final da independência foi resultado de intensas batalhas no recôncavo baiano e em Salvador, com forte participação popular resultante do derramamento de sangue, da perda de vidas valiosas e o sofrimento de muitos. De algumas pessoas a história guarda o nome e as reverências. Da maioria, contudo, não se sabe sequer o nome, elas deram sua vida por uma causa da qual não usufruíram, pois não viram brilhar o sol da independência.

Nessa senda, desde o século XIX, o 2 de Julho consolidou-se não apenas como uma festa cívica, mas como uma verdadeira celebração da vitória de um povo. Diferente de outras datas cívicas oficiais, a Independência da Bahia nasceu da participação popular, da luta concreta nas ruas e nos campos. E, nesse contexto, era natural que a dimensão religiosa estivesse presente. Desde os primeiros anos após a vitória de 1823, quando a capital baiana ainda respirava os ares recentes da liberdade conquistada, surgiu a necessidade de mais do que recordar: era preciso agradecer a Deus. Não bastavam os brados, os desfiles, os símbolos, o coração de um povo pedia elevação. E foi nesse espaço, entre a terra da luta e o céu da esperança, que o *Te Deum* encontrou morada, e com o passar do tempo, essa prática se consolidou como tradição nas comemorações do 2 julho.

Inserido no coração das celebrações cívicas do Dois de Julho, o *Te Deum* guarda, como chama que não se apaga, o seu caráter profundamente religioso. Em Salvador, o hino se eleva na Catedral Basílica já no dia 1 de julho, como um sopro inicial que abre as portas da memória e convida a cidade a celebrar. Em nossa Caetité, por sua vez, o louvor tradicionalmente floresce ao final do desfile cívico, após o retorno da cabocla da Pedra do Conselho. Em tempos idos, sob as arcadas da

Catedral de Senhora Sant’Ana, esse momento era conduzido com piedade e solenidade pelo saudoso Monsenhor Oswaldo Magalhães. Após o canto do *Te Deum*, o silêncio se aprofundava e dava lugar à adoração, o Santíssimo Sacramento era exposto, e o povo, já tomado pelo louvor, deixava-se conduzir pelo doce e reverente canto do *Tantum Ergo* efetuado por Dona Terezinha Bomfim, regente do Coral da Catedral.

Com a chegada do novo milênio, o cenário se transformou, mas não o espírito. O ato litúrgico saiu das paredes da Igreja e encontrou novos espaços: primeiro o coreto da praça, depois o palco próprio erguido para as festividades. E ali, sob o céu aberto, o sagrado continuou a se manifestar, agora conduzido pelo Monsenhor Adhemar, como sinal de que a fé também caminha com o povo e habita seus novos tempos.

E então, como quem retorna à fonte, no ano de 2025, em diálogo fecundo entre a Secretaria de Cultura do Município de Caetité e a Paróquia da Catedral, o *Te Deum* voltou ao seu berço. No dia 1 de julho, dentro da Catedral de Senhora Sant’Ana, o hino foi entoado como abertura solene das comemorações em Caetité. Um reencontro carregado de sentido: entre paredes que guardam a memória e vozes que renovam a tradição, a cidade agora inicia sua festa como quem reza reconhecendo que toda história, antes de ser celebrada, pode também ser oferecida em louvor.

Ao longo dos anos, mesmo com as transformações sociais e culturais, o hino permaneceu como um dos momentos mais solenes da programação. Sua continuidade demonstra a força das tradições que conseguem se adaptar sem perder sua essência. Ainda hoje, o *Te Deum* recorda que a liberdade conquistada em 1823 não é apenas um fato histórico, mas um dom a ser reconhecido e celebrado.

Destarte, o panorama que se constrói é o de uma tradição que nasceu da necessidade de agradecer, foi fortalecida pelo costume e se perpetuou como símbolo. Assim em Caetité, Salvador e Cachoeira, o *Te Deum* não é apenas um “canto”, mas a expressão viva de um povo que aprendeu a transformar sua história em louvor.

Compreender o sentido do *Te Deum* é, portanto, ir além daquilo que se vê e se ouve. É reconhecer que, no coração das celebrações do 2 de Julho, especialmente em Caetité, não está apenas a memória de uma conquista histórica, mas também a voz de um povo que, reunido, eleva a Deus o seu agradecimento. Além disso, o *Te Deum*, que todos os anos, é entoado, é também uma oportunidade de agradecer pela liberdade conquistada, mas também de lutar por dias melhores. “Nossos antepassados deram a vida pela liberdade, mas há muita liberdade a ainda ser alcançada”. Afinal, não se pode falar em país independente enquanto houver irmãos que nascem sem esperança, vivem no sofrimento e morrem esquecidos sem dignidade.

Te Deum Laudamus

*Te Deum laudamus:
Te Dominum confitemur.
Te aeternum Patrem, omnis terra veneratur.
tibi omnes angeli, tibi caeli et universae potestates:
Tibi cherubim et seraphim incessabili ise proclamant:
Sanctus, Sanctus, Sanctus, Dominus Deus Sabaoth.
Pleni sunt caeli et terra maiestatis gloriae tuae.*

*Te gloriosus apostolorum chorus,
te prophetarum laudabilis numerus,
te martyrum candidatos laudat exercitus.
Te per orbem terrarum sancta confitetur Ecclesia,
Patrem immensae maiestatis;*

*Venerandum tuum verum et unicum Filium;
Sanctum quoque Paraclitum Spiritum.*

*A Ti, Deus louvamos,
A Ti Senhor, confessamos.
A Ti, Pai Eterno, toda terra venera.
A Ti, todos os anjos; A Ti os céus e todas as potestades;
A Ti querubins e serafins aclamam sem cessar:
Santo, Santo, Santo, Senhor Deus dos exércitos.
Cheios estão céu e terra da majestade de tua glória.*

*A Ti o glorioso coro dos apóstolos,
A Ti a venerável multidão dos profetas,
A Ti a legião dos mártires, louvam.
A Ti, pelo orbe terrestre, louva a Santa Igreja,
Pai de imensa majestade.*

*A ao teu venerado, verdadeiro e único Filho;
E também ao Santo Espírito Consolador.*

*Tu rex gloriae, Christe.
Tu Patris sempiternus es Filius.*

*Tu, ad liberandum suscepturus hominem,
non horruisti Virginis uterum.
Tu, devicto mortis iseri,
aperuisti credentibus regna caelorum.*

*Tu ad dexteram Dei sedes, in gloria Patris.
Iudex crederis esse venturus.
Te ergo quaesumus, tuis famulis subveni,
quos pretioso sanguine redemisti.*

*Aeterna fac curo sanctis tuis in gloria numerari.
Salvum fac populum tuum, Domine, et benedic hereditati tuae.*

*Et rege eos, et extolle illos usque in aeternum.
Per singulos dies benedicimus te;
et laudamus nomen tuum
in saeculum, et in saeculum saeculi.*

*Dignare, Domine,
die isto sine peccato nos custodire.
Miserere nostri, Domine, miserere nostri.*

*Fiat isericórdia tua, Domine, super nos,
quemadmodum speravimus in te.
In te, Domine, speravi: non confundar in aeternum.*

*Tu és Rei de gloria, o Cristo.
Tu, do Pai és Filho sempiterno.*

*Tu, ao tomar-te homem, para libertar o homem,
não desdenhaste o seio da Virgem.
Tu, vencendo o aguilhão da morte,
abriste aos fieis o reino dos céus.*

*Tu, à direita de Deus Te assentas, na gloria do Pai.
Como Juiz, cremos que regressarás.
Rogamos-te, pois, que teus servos socorras:
aqueles que com precioso sangue redimiste.*

*Faze com que os teus santos na glória sejam contados.
“Salve o teu povo, Senhor, e abençoa os teus herdeiros.*

*E dirija-os e engrandece-os para sempre.
Todos os dias te bendizemos;
E louvamos teu nome eternamente,
por todos os séculos dos séculos.*

*Digna-te, Senhor, neste dia,
guardar-nos sem pecado.
Tem piedade de nós, Senhor, tem piedade de nós.*

*Faça-se a tua misericórdia sobre nós, Senhor,
do modo como a esperamos em Ti.
Em Ti, Senhor, esperarei: que eu não seja jamais confundido.”*

Um trapo de bandeira ao infinito...

Por André Koehne

A cada ano, surge-me a tarefa de falar um tanto da Festa do Dois de Julho em Caetité, e para mim, além da oportunidade de reviver memórias próprias, também cumpre o difícil trabalho de convencer alguém a ler-me...

E, neste Ano de Nosso Senhor de Dois Mil e Vinte e Seis, duzentos anos depois de meus ancestrais ajudarem a começar esse festejo, incumbiram-me de falar das... “paradas” do cortejo!

Mas... Alguém sabe lá mais o que é isso? O que importa não é montar num cavalo vistoso, ser visto e admirado, juntar os amigos depois e beber até o *dito cujo* fazer bico? E lá vem o André com esse papinho chato... Pois peço licença, porque... lá vou eu...

Cantou o poeta **Castro Guerra***, saudoso amigo, no poema intitulado “*O Dois de Julho*”, com seu rico vocabulário e licenças poéticas:

*Acontecia ali na Rua Barão,
todos os anos, todos...*

*A um sinal, o séquito estacava!
Clemente Teixeira, num assomo,
a jactar-se na janela de sua casa,
lançava à turba um pedaço de bandeira
adredemente preparado para o evento...*

*Erguia os braços em postura de tribuno
e – com o Poeta – inflamava a multidão
a conclamar o vero sentimento cívico...*

*E orava, enfático, perorando ao fim:
- “Um pedaço de gládio – no infinito...
Um trapo de bandeira – n’ampidão!...”*

Eram festejos para o Dois de Julho

Mal tinha eu dois anos de vida quando esse poema foi escrito, e mais de vinte se passaram quando me deu o autor seu livro “*Sequelas da Saudade*”, publicado em 1996, onde ele está, à página 19. Mas, deixando a dor da saudade de lado e voltando ao que interessa, Castro Guerra legou-nos o registro de um dos momentos que integravam o desfile do Dois de Julho, antigamente...

Assim como, hoje, os cavaleiros ostentam com orgulho seus paramentos equestres, tempo houve onde Caetité tinha orgulho daqueles que, como o Clemente Teixeira citado, sabiam declamar de cor os versos da “*Ode ao Dous de Julho*” de **Castro Alves**, o Poeta com “P” maiúsculo mencionado...

Exatamente um século separa os dois poemas dos dois “Castros”. Uma das paradas ficou para sempre registrada, e outras tantas semelhantes ocorriam até chegar no final da Rua 2 de Julho, na casa que foi do jornalista João Gumes e de seus filhos, aqui com destaque a D. Eponina Zita, mestra de tantos...

Tudo isso até chegar-se à Pedra do Conselho, marco da participação caetiteense nas lutas da Independência. E que não era a parada final, era onde os cavaleiros buscavam o Carro da Cabocla, recebiam as canas com suas belas folhagens que todos carregavam como se fossem trapos de bandeiras com que os caetiteenses saudavam o infinito...



*Um pedaço de gládio – no infinito...
Um trapo de bandeira – n’ampidão!...*

* Gildásio Pereira Castro, com nome poético de Castro Guerra, nasceu em Urandi a 6 de setembro de 1935. Passou a infância em Caetité, cursando o primário na Escola Normal. Foi advogado e juiz, chegando a atuar em Caetité, como substituto. Morreu a 23 de agosto de 2024.

NASCE O SOL AO DOIS DE JULHO

Luiz Pereira Benevides ¹

Ode ao Dois de Julho

Era no Dois de julho. A pugna imensa
Travara-se nos cerros da Bahia...
O anjo da morte pálido cosia
Uma vasta mortalha em Pirajá.
“Neste lençol tão largo, tão extenso,
“Como um pedaço roto do infinito...
O mundo perguntava erguendo um grito:
“Qual dos gigantes morto rolará?!...”

Debruçados do céu... a noite e os astros
Seguiam da peleja o incerto fado...
Era a tocha — o fuzil avermelhado!]
Era o Circo de Roma — o vasto chão!
Por palmas — o troar da artilharia
Por feras — os canhões negros rugiam!
Por atletas — dois povos se batiam!
Enorme anfiteatro — era a amplidão!

Não! Não eram dois povos, que abalavam
Naquele instante o solo ensanguentado...
Era o porvir — em frente do passado,
A Liberdade — em frente à Escravidão,
Era a luta das águias — e do abutre,
A revolta do pulso — contra os ferros,
O pugilato da razão — com os erros,
O duelo da treva — e do clarão!...

No entanto a luta recrescia indômita...
As bandeiras — como águias eriçadas —
Se abismavam com as asas desdobradas
Na selva escura da fumaça atroz...
Tonto de espanto, cego de metralha,
O arcanjo do triunfo vacilava...
E a glória desgrenhada acalentava
O cadáver sangrento dos heróis...

Mas quando a branca estrela matutina
Surgiu do espaço... e as brisas forasteiras
No verde leque das gentis palmeiras
Foram cantar os hinos do arrebol,
Lá do campo deserto da batalha
Uma voz se elevou clara e divina:
Eras tu — Liberdade peregrina!
Esposa do porvir — noiva do sol!...



Desfile de Dois de Julho - Década de 70 - Cabocla Rosinha -. Acervo particular da família.

Eras tu que, com os dedos ensopados
No sangue dos avós mortos na guerra,
Livre sagravas a Colúmbia terra,
Sagravas livre a nova geração!
Tu que erguias, subida na pirâmide,
Formada pelos mortos do Cabrito,
Um pedaço de gládio — no infinito...
Um trapo de bandeira — n'amplidão!...

São Paulo, junho de 1868.

Publicado no livro *Espumas flutuantes: poesias de Castro Alves*, estudante do quarto ano da Faculdade de Direito de S. Paulo (1870).

¹ Professor de Língua Portuguesa, Membro da Academia Caetiteense de Letras, Radialista.

Atendendo ao que me foi proposto pela equipe organizadora das comemorações do Dois de Julho em Caetité, neste ano de 2026, escolhi o poema, ODE AO DOIS DE JULHO, do poeta Castro Alves e o Hino do bicentenário da criação da freguesia de Senhora Santana de Caetité (1754-1954) (D. Augusto Álvaro da Silva), como ilustração, no tocante às lutas do povo baiano na conquista da independência da Bahia. Faço com muita satisfação.

O poema ODE AO DOIS DE JULHO, revela a bravura e o sacrifício do povo baiano, na luta pela liberdade da pátria e a glória dos vencedores, em 2 de julho de 1823. Descreve a batalha de Pirajá, a liberdade contra a escravidão e consagra a Bahia como o berço da verdadeira independência do Brasil.

HINO A SENHORA SANTANA

O Hino de Senhora Santana é um pouco da nossa história:

- Como a flor, que do orvalho, aos carinhos, e aos afagos doirados do sol, pouco a pouco desdobra os bracinhos e refulge aos clarões do arrebol.
- Em redor de seu átrio sagrado, como ovelhas em torno ao pastor, vive um povo feliz, sossegado, sobre as bênçãos de Nosso Senhor.
- Tal nasceu, Vila nova princesa, deste nosso querido sertão, outras há, de mais prol, com certeza, mais heroica e mais nobre, isso não.
- Duas vezes, cem anos passaram, desde quando num gesto feliz, nossos pais, com amor levantaram, nossa bela e querida matriz.
- Quanto tempo trazendo a vitória, neste nosso querido sertão, garantiu-lhe um diadema de glória, em virtude ao valor de seus filhos.

Refrão, após cada verso:

Mãe da mãe de Jesus, ó Santana, lá no alto da glória onde estás, derramai sobre nós soberana, vossas bênçãos de amor maternos...

Cada verso é um pouco da nossa história.

A última estrofe é uma exaltação ao povo caetiteense, pelas participações e vitórias alcançadas em batalhas, a exemplo da Guerra do Paraguai (1864), Dois de julho (1823) e Segunda Guerra Mundial (1944-1945)

Das três batalhas citadas, ainda nos lembramos dos saudosos caetiteenses Prof. Manoel Teixeira Ladeia e Prof. Carlos Prisco Vilas-Boas (ex-combatentes da segunda guerra mundial).

Quanto à Guerra do Paraguai, escreveu o professor Flavio Neves em seu livro, *Rescaldo de saudades*, no capítulo *Valores de minha terra*:

Joaquim Manoel Rodrigues Lima, jovem estudante de medicina, servira no corpo de saúde, na guerra do Paraguai. Na política republicana, seu nome se impusera, em valor, levando-o a ser o primeiro governador constitucional da Bahia. (Neves, pag. 66)

Referindo-se agora, à Guerra da Independência da Bahia (o Dois de julho), não cabe aqui citar nomes de participantes, pois é público e notório que o sertão participou em peso e medida, uma vez que Caetité, naquela época era sede política, abrangendo uma vasta extensão geográfica, como afirmou Theodoro Sampaio em seu livro *O rio São Francisco e a Chapada Diamantina, 1879-1880* “Caetité apresenta ao viajante, um aspecto de corte do sertão.” (pag.187)

A comemoração do 2 de julho acontece além de Salvador, também em Cachoeira e Caetité e em cada localidade com suas peculiaridades, citarei aquelas que vivenciei desde a minha infância e as que obtive através de pesquisas e diálogos.



Destile 2 de Julho 2025, Acervo pessoal do Autor

Os ensaios

Os meses de junho e julho em Caetité são marcados por tradicionais festas e dentre elas o Dois de Julho que 30 dias antes já começam os ensaios, nas tardes de domingos, também conhecidos como “grito de dois de julho”

Os preparativos

Nos tempos mais remotos, sempre houve essa preocupação; o festeiro se encarregava de procurar a colaboração das autoridades, das escolas e de pessoas envolvidas na organização da festa, tudo era feito por aqui mesmo, afirmou o Sr. Eduardo Benvindo dos Santos: “os fogos de artifícios, eram confeccionados por Argeu Públio, com antecedência, os membros da filarmônica eram convocados pelo mestre Álvaro Villares, para os ensaios, a lenha para as fogueiras que eram acesas do riacho das pedreiras (hoje, Parque das Árvores) até a pedra do conselho, bem como, abastecer a caldeira da usina, as canas de açúcar que eram distribuídas para os acompanhantes do cortejo etc.”

Aspectos importantes:

A Cabocla

Personagem de relevante importância para as comemorações do Dois de Julho, tanto no dia primeiro, quando esta é levada à noite para a Pedra do Conselho, quanto no dia dois no seu retorno, para fazer parte do desfile cívico.

Assim escreveu o caetiteense, Prof. Dr. Flavio Neves, em *Rescaldo de Saudades*,

“dia primeiro à noite, fogueiras se estendiam desde o alto das pedreiras (PARQUE DAS ARVORES), até a pedra do conselho. Cavaleiros, centenas vezes, provenientes das localidades vizinhas, em fila dupla, encabeçava a marcha do povo a conduzir o carro alegórico, até a Pedra do Conselho. Este carro, pintado em verde e amarelo, exibia em colunas alçadas, inscrições como a designação das batalhas travadas na luta pela libertação, nos cerros da Bahia e adjacências. “Funis” – “Itaparica” – “Cachoeira” – “Cabrito”. Sobre o mesmo, uma jovem, representando um índio, com uma lança, golpeando um dragão; este, a tirania lusitana. Fogos e mais fogos.

O carro alegórico permanecia, à noite, guardado na Pedra do Conselho, junto ao Cemitério Municipal, até a manhã do grande dia – 2 de julho – quando entraria na cidade, em uma procissão cívica. Um cortejo organizado com todas as escolas, povos de todas as classes sociais, contagiados de um entusiasmo sem par. A longa descida para o centro da cidade, podia-se contemplar um tapete ondulante, carregado de verde e amarelo.

O pendão de muitos canaviais exibindo um verde novo. Eram cultivados crótons verdes e amarelos, em todas as casas, durante o ano para aquele dia, levados em galhos ou em folhas nas lapelas. Duas bandas de música e vozes de todo lado a entoar, com persistência a entoar o hino ao dois de julho, o hino da Bahia.

No momento em que se iniciava o desfile, um bando de tapuias, com arcos e flechas, dançando e cantando, envolvia o carro alegórico. Conduzidos pelo “pajé”, o velho Mariano coveiro, que com a sua morte, foi substituído por João Epifânio “João Pixane”. A tapuiada ia repetindo ditos e cantos ritmados que nenhuma referência faziam a data.

Ai vovô tá pilano

No pilão de pau d’arco;

Fubá tá voando!

Eu vô vê, eu vô vê!

Eles representavam a primeira gente desta terra.

A PEDRA DO CONSELHO

Trata-se de um monumento histórico, como o nome já diz tudo, uma pedra, não uma simples pedra, mas, uma pedra que traduz muitas lembranças e sentimentos, não encontrei registros de sua origem, mas ouvi muito, Mons. Oswaldo dizer que ali naquela pedra, as mães iam se despedir de seus filhos, bem como, aconselhá-los, quando estes partiam para as batalhas, ou a procura de trabalho em terras distantes, além de um local de despedidas, era também de recepção ao viajante que chegava, por tratar-se da entrada e saída da cidade. O geógrafo Theodoro Sampaio, ao passar por Caetité, em janeiro de 1880, relata em seu livro *O Rio São Francisco e a Chapada Diamantina*:

“No dia 7 de janeiro de 1880, saímos de Caetité, acompanhados de um grande número de cavalheiros, o vigário Sales, o padre Garcia Leal, os doutores Otaviano Xavier Cotrim, Cesar Quirino da Silva, Manoel José Gonçalves Fraga, João José de Farias e outros que vinham ao nosso bota-fora, na saída da cidade, entrada da Chapada Diamantina. Despedimo-nos, abraçando-os a todos, gratos a tanta gentileza.

REFERÊNCIAS:

NEVES, Flávio. *Rescaldo de saudades*. Belo Horizonte: Academia Mineira de Medicina, 1986.

SAMPAIO, Theodoro. **O rio São Francisco e a Chapada Diamantina**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

Depoimento oral de Sr. Eduardo Benvindo dos Santos



Desfile de Dois de Julho 2025 - Acervo: DIRECOM

Os vaqueiros encourados de Lagoa Real e a celebração da independência da Bahia em Caetité

Ana Soares Oliveira Cardoso ¹

O Município de Lagoa Real, está localizado no sudoeste do estado da Bahia, distante 731 quilômetros de Salvador, na região denominada Sertão Produtivo. Apresenta características marcantes ligadas ao território sertanejo, à cultura rural e às particularidades de sua formação histórica. Trata-se de um município relativamente recente em termos de emancipação política, ocorrida em 1989, mas cuja ocupação e dinâmica social estão vinculadas a antigas práticas agropecuárias e à vida no semiárido. A identidade local é fortemente associada à cultura do vaqueiro, expressa em festas tradicionais como a Missa do Vaqueiro, que valoriza a memória, o trabalho e os modos de vida do sertão, por isso mesmo, é conhecida como Terra da Vaquejada.

Lagoa Real reúne elementos culturais, históricos e territoriais que revelam a articulação entre sertão, identidade local e recursos naturais, constituindo um espaço singular no interior baiano.

É nesse cenário que surge o grupo de vaqueiros encourados no ano de 1991 quando o senhor Pedro Cardoso Castro, prefeito do município, resolveu ampliar o posto de saúde existente na cidade. O referido posto recebeu o nome de “Posto de Saúde Dr. Jairo Pontes”, em homenagem ao referido médico, que havia falecido há pouco tempo e muito tinha trabalhado pela região.

Como Dr. Jairo era muito ligado aos vaqueiros, cavalgadas e vaquejadas, o prefeito convidou alguns deles, cerca de dezesseis, para participar da missa de inauguração do posto, eles foram montados a cavalo e vestidos a caráter.

¹ Professora da Rede Municipal de Ensino de Lagoa Real.

Os vaqueiros ficaram imensamente felizes com aquele momento de celebração, assim como os demais filhos de Lagoa Real. Com isto, o evento político-social-cultural e religioso ganhou grande repercussão na região, dando motivos de sobra para continuidade e ampliação nos anos posteriores.

A movimentação política tornou-se também cultural e foi nesse contexto que o então prefeito de Caetité, Sr. Dácio Oliveira, convidou o prefeito Lagoa Real, o Sr. Pedro Cardoso Castro, para fazer parte do desfile de Dois de Julho com o grupo de vaqueiros encourados no ano de 1992.

Este encontro, esta participação, representou e ainda representa a união de um importante símbolo da história, da cultura e das tradições do povo sertanejo.

Nesta primeira participação estiveram presentes mais de cem vaqueiros vestidos com suas roupas de couro — chapéu, gibão, perneiras e botas, dentre eles: Tõe de Nem, Hildeu Prates, Pedro Cardoso, Cecílio, Paulinho, Tião Vaqueiro, Arnulfo, Joaquim Miranda, Juca de Joaquim Augusto, Tião de Florindo, Zé Florindo, Angelino do Mocó, Ioiô da Gameleira, Agrário, Guileu de Leobino, Lio, João, Zacarias, Manoel Risério, Armindo Matos, Joaquim Café, Zé Café, João de Agrário Ermelino, Odilon, Nenza, Augusto da Lagoa do Sérgio, Joaquim de Ermelino, Odilon Miranda, Jose Riserio, Oliveiros Guanaes, Antônio Café, Lindolfo do Capim Alto, Durval do Tamboril, Joaquim de Hermano, Gevário Teixeira, Edmundo Rizério, Sebastião Monteiro, Tião das Pedrinhas, Lírio, João de Maroto, Dozinho, Rufino Moura, Marcelino Moura, Edinho Zé Grande, Joaquim Amorim, José Monteiro, Antônio Monteiro, Lourão, Manoel de Chica, João Monteiro. Estes e outros vaqueiros, cujos nomes não foram escritos aqui pela falta do registro documental daquele momento, demonstram a força de uma tradição que identificam, e particularizam esses sertanejos.

É sabido que alguns destes vaqueiros já faleceram, mas deixaram um legado de identidade que foi sendo apropriado por tantos outros que ainda se fazem presentes na celebração da Independência da Bahia que ocorre todos os anos em Caetité, data muito significativa para o estado da Bahia, pois celebra a luta e a conquista da independência da região em relação ao domínio português, marco de consolidação da independência do próprio país.

Ao participarem dessa celebração, os vaqueiros encourados de Lagoa Real não apenas prestam homenagem aos heróis dessa luta, mas também reafirmam o orgulho de suas raízes culturais e da história do povo nordestino.

Desde 1992, a presença dos vaqueiros encourados nesse evento tornou-se uma tradição, todos os anos já tem o quadro dos encourados de Lagoa Real no desfile emocionando moradores e visitantes. O desfile dos vaqueiros simboliza coragem, resistência e respeito às tradições do campo. Além disso, fortalece o sentimento de pertencimento da comunidade e mantém viva a memória cultural da região.

Para participar do evento, os vaqueiros se organizam com antecedência. Eles se reúnem para planejar a viagem, preparar os cavalos e separar os trajes de couro que fazem parte da tradição do vaqueiro nordestino.

A preparação envolve cuidado com a alimentação, a segurança dos animais e a organização do grupo para que todos cheguem bem e participem do desfile de forma respeitosa e organizada.

Desde a primeira participação até a mais recente, o grupo chega em Caetité no dia 1º de julho. Enquanto os cavalos são transportados de caminhão, os vaqueiros vêm de ônibus, formando uma bonita comitiva.

Ao chegarem na cidade se dirigem ao local devidamente preparado para recebê-los, geralmente ficam acomodados em alojamentos reservados para o grupo. Esse momento é marcado pela convivência, pela troca de histórias, de causos e pelo compartilhamento de comidas típicas, fortalecendo os laços de amizade entre todos.

Enquanto isso outro espaço é destinado à recepção dos animais. Nos primeiros anos, o desembarque deles era feito no “Campo das Cobras”, mas com o passar do tempo e com a organização do Centro de comercialização de animais naquele espaço, os cavalos também usufruem de uma melhor estrutura de acomodação.

Para os vaqueiros, há uma grande satisfação em fazer parte desta celebração durante todos os anos.

Em mais de três décadas de participação dos vaqueiros encourados, esse momento especial já se transformou em tradição e cada ano de presença significa manter viva essa tradição.

Eles sentem orgulho em vestir seus trajes de couro, arrumar seus cavalos e representar sua terra nesse evento tão importante. A presença e a participação é motivo de alegria, honra e emoção, pois mostra que a cultura sertaneja continua forte, viva e respeitada, sendo esses, princípios da celebração da Independência da Bahia.

Assim, há 35 anos, os vaqueiros encourados de Lagoa Real vêm à Caetité no Dois de Julho, isso representa mais do que manter uma tradição cultural, com este ato de resistência, eles se transformam em guardiões da história e da memória reafirmando sua identidade sertaneja com orgulho e mantendo viva a herança da bravura do povo baiano.



Eles sentem orgulho em vestir seus trajes de couro, arrumar seus cavalos e representar sua terra nesse evento tão importante.



Garça de Idalino - desfile de Dois de Julho - década de 1960 - Fotografia restaurada por André Koehne

Memórias que dançam no tempo: a história das criações de Idalino

Maria de Fátima Neves Barberino Silva ¹

Há lembranças que não são nossas, mas que residem em nós como se fossem. Elas nascem nos relatos dos mais velhos, nas histórias repetidas em rodas de conversa e nas impressões de uma memória coletiva que se recusa a desaparecer. São saudades de um tempo não vivido, mas que aprendemos a amar. Feita de lembranças emprestadas, mas profundamente sentidas, assim se inicia esta narrativa.

Idalino Barberino da Silva era um jovem enfermeiro formado em Salvador que chegou, com a mala cheia de sonhos, à pequena e ilustre cidade de Caetité, acompanhando o recém-formado médico Dr. Clarismundo Pontes. Ambos assumiram o único posto de saúde existente na época. Idalino trouxe consigo seu filho Alírio e sua primeira esposa, Nair, e, com o passar do tempo, estabeleceu raízes na cidade que o acolheu.

Posteriormente, apaixonou-se e casou-se com Maria da Conceição Silva, conhecida como D. Nêga, com quem constituiu família. O casal teve quatro filhos: José, Antônio, Idalino e João Pedro, além dos “mabaços” Alécio e Alécia, falecidos aos sete dias de vida, primogênitos do casal.

Natural de Senhor do Bonfim, Idalino não carregava apenas o ofício da saúde, mas também um notável talento criativo. Artesão e músico por natureza, possuía a habilidade de transformar o simples em algo encantador. Desse olhar sensível nasceu, na década de 1950, um símbolo que atravessaria gerações: o seu boi, concebido a partir de ideias inovadoras e da imaginação, tornando-se expressão de alegria e sendo posteriormente imortalizado no carnaval de Caetité como o Boi de Idalino.

Por meio de seus artefatos e invenções, contribuiu significativamente para a construção do carnaval da época, transformando as ruas em um verdadeiro palco de imaginação e encantamento. Em sua residência, mantinha um pequeno ateliê onde armazenava as peças produzidas a partir de sua criatividade.

Atuando também como censor da Escola Normal, infere-se que, nesse contexto, tenha recebido o convite para apresentar suas criações no desfile de Dois de Julho.

Entre suas invenções destacavam-se as preacas, arcos de madeira cuidadosamente confeccionados, que mantinham as flechas presas no momento do disparo. O som

¹ Neta de Idalino Barberino e de D. Nêga

produzido por esses instrumentos integrava-se de forma sincronizada à apresentação dos caboclos, personagens que ganhavam vida nas encenações do tradicional desfile.

À frente do grupo seguia o senhor João Pichano, conduzindo os índios com sua bengala e entoando versos que ecoavam pelas ruas, conforme lembranças do filho Antônio:

“Oh lelê tuntum, mais caboclo me dá

Cabelo de milho não dá fubá

Oh lelê tuntum, mais caboclo me dá

Cabelo de milho não dá fubá

Mas eu vi foguetão subindo no ar

As meninas estão dizendo procurar caruá

Mas eu vi foguetão subindo no ar

As meninas estão dizendo procurar caruá

Os caboclos vêm, vêm de vera

Os caboclos vêm, vêm de vera”

Na ausência de registros sonoros, restam as palavras e suas possíveis interpretações. Os versos apresentam elementos das tradições indígenas e afro-brasileiras: o “foguetão subindo no ar” pode remeter a rituais de cura; as vozes femininas evocam saberes ancestrais; e o “caruá”, planta conhecida na medicina popular, surge como elemento de proteção.

Idalino também adaptou, em Caetité, manifestações folclóricas oriundas de sua terra natal. No desfile, apresentou outra figura de destaque: a garça, possivelmente representando a paz e a liberdade. Construída em tamanho proporcional ao de um homem, a estrutura abrigava o próprio Idalino, que a conduzia durante a apresentação, geralmente próximo aos caboclos.

A garça era confeccionada a partir de uma estrutura simples, porém engenhosa. Sua base era formada por caixotes de madeirite, forrados com papelão para proporcionar acabamento e leveza. O pescoço, feito de cipó, conferia flexibilidade e mobilidade, sendo conectado por uma fita às mãos do manipulador, o que permitia o controle dos movimentos. A cabeça era construída com base de madeira maciça, com corte estratégico que imitava o bico da ave, conhecido como “piteira”. Após a montagem, a peça recebia pintura, com o bico em vermelho e o corpo revestido com papel crepom branco.

Sustentada por armações leves, a estrutura possibilitava movimentos delicados, fazendo com que a garça aparentasse ganhar vida diante do público. Durante o cortejo, a representação interagiu com os presentes, simulando movimentos de aproximação, conforme relatado pelo filho Antônio.

A história é bela, mas também carrega suas dores. O senhor Idalino partiu cedo demais, deixando quatro filhos ainda pequenos – de doze, dez, oito e seis anos – e uma esposa que precisou transformar o luto em coragem. D Nêga

compreendeu que, mais do que lembranças, o marido havia deixado um legado.

Depois do tempo necessário para acalantar o coração, D. Nêga reuniu os filhos e decidiu dar continuidade à tradição. O Boi de Idalino permaneceu ativo, passando a ser conduzido pela própria família.

As apresentações dos índios passaram a ser lideradas pelo senhor Soldado, amigo, compadre e vizinho da família, que deu continuidade à tradição com dedicação.

A garça, por sua vez, permanece como um projeto afetivo no imaginário de Antônio, o terceiro filho, que ainda nutre o desejo de vê-la novamente desfilar pelas ruas, juntamente com o bumba meu boi, resgatando a memória e a criatividade de seu pai.

Enquanto isso, o boi segue crescendo. Há quase oito décadas, atravessa carnavais, gerações e memórias, encantando foliões a cada aparição. Hoje, os filhos, netos e bisnetos de Idalino e D Nêga participam da tradição, mantendo viva a magia que começou de forma simples, quase artesanal.

Talvez o mais bonito dessa história seja justamente isso: o que nasceu pequeno, feito de papel crepom, madeira e imaginação, transformou – se em patrimônio afetivo de uma cidade. Aqueles que presenciaram os primeiros desfiles guardam na memória a simplicidade carregada de significado. E os mais novos, ao conhecerem essa história, descobrem que o folclore também se constrói com pessoas reais, sonhos persistentes e um amor profundo pela cultura.

Assim, entre o som das preacas, o canto dos versos e o passo ritmado do boi, a memória de Idalino continua caminhando pelas ruas de Caetité. O que nasceu das mãos criativas de um músico e artesão transformou-se em tradição viva, atravessando gerações e encantando novos olhares a cada desfile.

Hoje, essa herança permanece como um dos maiores orgulhos de seus filhos e netos: o filho mais velho, instrumentista, vê com emoção seus próprios filhos e netos seguindo seus passos, enquanto o filho mais novo conduz com maestria o sambão, mantendo viva a alegria e o ritmo que sempre marcaram essa história.

O boi que atravessou gerações continua vivo até hoje, conduzido pela família e, atualmente, sob a coordenação de Idalino Barberino da Silva, com o apoio incondicional dos seus irmãos, mantendo viva a tradição com profundo compromisso e amor, seguindo os passos do pai.

E, enquanto o boi dança, os versos ecoam e a cidade se enche de festa e alegria, é como se o próprio senhor Idalino ainda estivesse ali, conduzindo suas invenções e lembrando a todos que a arte, quando nasce do coração, não morre, mas continua viva no passado, no presente e no futuro.



Desfile de Dois de Julho 2025 - Acervo: DIRECOM

Memórias do 2 de Julho de 2025 O Sertão nas Lutas pela Independência

*Maria José Couto Gonçalves*¹

As celebrações do 2 de Julho em Caetité constituem uma das mais importantes manifestações cívicas e culturais do município. Realizada sob a coordenação da Prefeitura Municipal, a festa envolve o empenho de diversas secretarias e setores da administração pública, configurando-se como uma ação verdadeiramente intersetorial, que mobiliza profissionais, instituições e a população em torno da memória da independência da Bahia.

A cada ano, a cidade se prepara para esse momento que ultrapassa o calendário festivo e se afirma como uma experiência coletiva de pertencimento e identidade. O clima da festa começa a tomar conta das ruas bem antes das celebrações, quando os grupos de montaria iniciam os tradicionais ensaios do 2 de Julho, organizados pelos próprios grupos em articulação com a Secretaria Municipal de Cultura. Nos dias que antecedem as comemorações, a cidade passa por um processo de transformação do espaço urbano, marcado pela instalação de bandeirolas nas cores da bandeira da Bahia e de outros elementos decorativos que anunciam a proximidade da festa. Esse trabalho de ornamentação é realizado pela Secretaria de Ação Social, em parceria com a Secretaria de Serviços Públicos, contribuindo para envolver a população e preparar o ambiente para os dias de celebração.

Entre as diferentes frentes de organização do evento, destaca-se o trabalho desenvolvido pela Secretaria Municipal de Educação, responsável por uma série de ações pedagógicas e culturais que estruturam parte significativa do projeto das celebrações. Pensar o projeto do 2 de Julho em Caetité, no âmbito da Secretaria Municipal de Educação, é um processo que se inicia ainda no segundo semestre do ano anterior, geralmente a partir do mês de agosto, quando começam os estudos e pesquisas para definição da temática do projeto que orientará as atividades do ano seguinte.

¹ Mestre em Ensino Linguagem e Sociedade, Professora da Rede Estadual de Ensino e da Rede Municipal de Ensino de Caetité.

A escolha do tema é um momento fundamental, pois orienta o conjunto das ações pedagógicas e culturais desenvolvidas nas escolas e também a narrativa construída durante o desfile cívico. Uma vez definido o tema, inicia-se a elaboração do chamado projeto guarda-chuva, que reúne diversas iniciativas articuladas entre si. Entre essas ações estão as atividades de educação patrimonial desenvolvidas nas escolas da rede municipal, a produção da Revista do 2 de Julho, dedicada à memória e à história das celebrações em Caetité, e a organização do desfile cívico realizado nos dias 1º e 2 de Julho.

Para o ano de 2025, a temática escolhida foi “O Sertão nas Lutas pela Independência”, proposta que buscou evidenciar o papel dos territórios do interior da Bahia nos processos de resistência e luta contra o domínio português. A partir da definição do tema, foram organizados momentos de formação destinados aos gestores, coordenadores pedagógicos e formadores da rede municipal, iniciados na pré-jornada pedagógica de janeiro de 2025 e estendidos pelos meses seguintes. Esses encontros tiveram como objetivo ampliar a compreensão histórica da temática e orientar o desenvolvimento das atividades pedagógicas nas escolas ao longo do ano letivo.

Entre as ações mais significativas desse processo estiveram as atividades de educação patrimonial, realizadas por meio de atividades realizadas nas escolas da rede municipal. Essas atividades foram conduzidas pela professora e historiadora Fernanda Matos, que desenvolveu aulas dinâmicas e interativas voltadas

para crianças e adolescentes, apresentando o contexto histórico da independência da Bahia e destacando a participação do sertão nas lutas que culminaram no 2 de Julho de 1823.

Esse trabalho de educação patrimonial cumpre um papel fundamental ao aproximar os estudantes da sua história e do seu território, fortalecendo o senso de pertencimento e oferecendo subsídios teóricos e criativos para a participação no Concurso Artístico-Literário do 2 de Julho, promovido anualmente pela Secretaria de Educação. O concurso é realizado mediante publicação de edital específico e conta com a participação de uma banca avaliadora constituída especialmente para esse fim. As produções selecionadas são premiadas e passam a integrar a Revista do 2 de Julho, publicação que registra parte significativa das reflexões, pesquisas e expressões artísticas produzidas no âmbito do projeto.

Ao longo dos últimos anos, a revista tem se consolidado como um importante espaço de preservação da memória das celebrações em Caetité. Em 2025, foi publicada a terceira edição da revista, reunindo textos de professores, historiadores, memorialistas e também produções dos estudantes participantes do concurso artístico-literário. A publicação contou ainda com contribuições institucionais da Fundação Pedro Calmon e da Marinha do Brasil, ambas participantes das celebrações na cidade: a primeira com o projeto Rota da Independência, e a segunda com sua participação cívica no desfile realizado pelas ruas de Caetité no dia 2 de Julho.

Um dos destaques dessa edição foi a organização de um dossiê temático dedicado aos grupos de montaria de Caetité, protagonistas de uma das expressões mais marcantes da festa. Para a construção desse material, foi realizada uma escuta direta com os grupos de montaria da cidade. Cada grupo teve um horário agendado para entrevista, momento em que foram registradas as histórias, memórias e trajetórias dessas organizações. Posteriormente, esses relatos foram transcritos e organizados em textos que passaram a compor o dossiê da revista, constituindo-se no primeiro registro sistematizado da história desses grupos que, ano após ano, participam ativamente das celebrações do 2 de Julho.

O lançamento da revista aconteceu, como nas edições anteriores, no auditório da Casa Anísio Teixeira, reunindo um público expressivo, superior ao das edições anteriores. A cerimônia foi conduzida pelas professoras editoras da publicação e contou com a presença do prefeito municipal, do secretário de educação, da direção do NEAF, além de professores, gestores, coordenadores pedagógicos, estudantes, autores convidados e membros da comunidade.

As ações do projeto culminaram com o momento mais aguardado das celebrações: o desfile cívico realizado nos dias 1º e 2 de Julho. No dia primeiro ocorreu a tradicional Levada da Cabocla à Pedra do Conselho, evento que mobiliza grande público e simboliza a abertura das celebrações. A saída aconteceu em frente ao CIEBTEC, às 19 horas, seguindo em cortejo até a

Praça da Catedral, onde foi realizado o tradicional acendimento da pira cívica.

Em 2025, o acendimento da pira foi realizado por estudantes da rede municipal, que apresentaram uma coreografia especialmente preparada para o momento, utilizando figurinos iluminados com luzes de LED e criando um efeito visual marcante que emocionou o público presente. Após o acendimento da pira na Praça da Catedral, o cortejo seguiu acompanhando o carro que conduz a Cabocla até a Pedra do Conselho, onde uma segunda pira foi acesa diante de um grande público que aguardava a chegada do cortejo.

A figura da Cabocla, tradicionalmente representada empunhando a lança que vence o dragão, símbolo da tirania portuguesa, ocupa lugar central na narrativa simbólica da festa, representando a força do povo nas lutas pela liberdade.

A noite também contou com a tradicional participação dos grupos de montaria feminina Lara Fernandes e Patroas na Lida, que acompanharam o cortejo trazendo brilho e representatividade ao evento. A passagem dessas amazonas foi recebida com entusiasmo pelo público, que se reuniu especialmente na Praça da Catedral e na Pedra do Conselho para prestigiar esse momento.

Outro momento importante da programação foi a realização do tradicional Te Deum, celebração religiosa que integra as comemorações do 2 de Julho em Caetité. Em 2025, pela primeira vez, a cerimônia foi realizada no dia 1º de Julho, às 17 horas, na Catedral de Senhora Santana,

reunindo autoridades municipais e membros da comunidade.

No dia 2 de Julho, pela manhã, aconteceu o esperado desfile cívico, que percorreu as principais ruas da cidade. O cortejo teve início tradicionalmente em frente ao CIEBTEC, seguindo em direção à Escola Manoel Lopes, na saída para Maniaçu. O desfile começou às 8 horas da manhã e contou com a participação de diversos convidados, entre eles a Marinha do Brasil de Bom Jesus da Lapa, o Tiro de Guerra de Brumado, a Fanfarra de Monte Alto, os Vaqueiros de Lagoa Real, além de representantes da Loja Maçônica de Caetité, do Grupo Demolay e das Filhas de Jó.

Entretanto, o ponto alto do desfile foi, sem dúvida, a participação das escolas municipais, responsáveis pela construção dos quadros que deram forma à narrativa histórica apresentada ao público. Cada escola desenvolveu uma representação temática articulada ao tema do ano, criando cenas que conectaram a história da independência da

Bahia às reflexões propostas naquele período.

A participação das escolas nesse momento é fundamental, pois transforma o desfile em um espaço de aprendizado, expressão artística e construção coletiva da memória. Mais do que uma apresentação cívica, o desfile afirma-se como um momento em que estudantes, professores e comunidade reafirmam o valor da história, da cultura e das lutas que marcaram a trajetória do povo baiano.

Assim, as celebrações do 2 de Julho em Caetité reafirmam-se, ano após ano, como uma experiência viva de memória e identidade. Ao mobilizar diferentes setores da administração pública, instituições culturais, escolas e a própria população, a festa consolida-se como um importante patrimônio cultural do município, fortalecendo os vínculos entre passado e presente e renovando, a cada edição, o sentimento de pertencimento do povo caetiteense à história da independência da Bahia.



Desfile de Dois de Julho 2025 - Acervo: DIRECOM



Aluna: Dafne Tauanny Jesus Silva

Prof. Orientadora: Maria Lúcia Pereira da Silva

E. M. Manoel Soares da Cruz

Produção participante do Concurso Dois de Julho 2026



Desfile de Dois de Julho 2025 - Acervo: DIRECOM

Tu vens, tu vens, que eu já escuto teus sinais...

Maria José Couto Gonçalves ¹

Em Caetité, o 2 de Julho não chega de repente. Ele vai se anunciando. Primeiro de leve, quase como quem não quer chamar atenção. Depois, toma conta de tudo.

Quem é filho da terra e quem aprendeu a ser, sabe reconhecer esses sinais.

Eles começam nos domingos que antecedem o dia 2 de Julho. O som dos cascos corta o silêncio das tardes e ecoa pelas ruas. São os grupos de montaria ensaiando. Não é apenas preparação: é tradição em movimento. Há quem passe o ano inteiro cuidando do cavalo, alimentando, treinando, esperando. Porque, aqui, o desfile não é um evento, é destino.

A cidade, então, muda de ritmo.

E muda de som também.

Quando o “Nasce o Sol a 2 de Julho” começa

a ser ouvido com mais frequência, algo se instala no ar. Não é só música. É memória. É aviso. É pertencimento. O hino não toca, ele atravessa. Quem escuta, sente.

As ruas começam a se vestir para a festa. Bandeiras nas cores da Bahia aparecem, discretas no início, depois dominantes. A Barão de Caetité, a Praça da Catedral, a Rua Dois de Julho, a Ladeira da Saudade, a Avenida Olimar Oliveira, cada uma delas se transforma em cenário. Mas não um cenário qualquer. Um cenário vivo.

Porque ali passam histórias.

Gente que acompanha a festa desde criança. Gente que cresceu vendo o desfile, que aprendeu a esperar, que reconhece cada detalhe. Gente que viu tudo mudar e, ao mesmo tempo, permanecer.

¹ Sobre

Celebrar o 2 de Julho em Caetité é isso: estar dentro de uma memória que não é só sua, mas que também é.

E então chega a noite do dia 1º.

A Cabocla já foi levada à Pedra do Conselho. O cortejo passou. Os cavalos deixaram suas marcas. A cidade respira, mas não descansa.

Na Praça da Catedral, outra expectativa se instala.

Meses antes, já se perguntava: qual será a banda? Quando o anúncio sai, corre rápido. Está no Instagram, nos grupos, nas conversas de esquina. Todo mundo tem opinião. Todo mundo julga. Todo mundo espera.

E há quem espere só por isso.

A praça começa a encher.

Ainda há no ar o cheiro dos cavalos que passaram, forte, marcante, impossível de ignorar. Mas, para quem é daqui, esse cheiro não incomoda. Ele conta. Ele lembra. Ele diz: aconteceu, está acontecendo, sempre acontece.

As pessoas chegam vestidas para a ocasião. Botas, chapéus, roupas que conversam com o

universo da vaquejada. É como se a praça se tornasse também passarela. Um desfile dentro do outro. Beleza, identidade e festa misturadas.

A banda começa cedo.

E, quando começa, tudo se acelera.

Mas nem tudo se resolve.

Os cavaleiros que participaram da levada ainda querem rua, querem tempo, querem mais. Do outro lado, o público quer espaço, quer música, quer ocupar a praça. Entre um desejo e outro, entram os agentes, organizando, delimitando, encerrando o trânsito dos cavalos para que a festa continue.

E continua.

Entre sons altos, passos apertados, conversas atravessadas e risos soltos.

Assim é Caetité no 2 de Julho.

Um lugar onde o cívico encontra o festivo sem pedir licença. Onde o passado não fica para trás, ele caminha junto.

E quando tudo parece terminar, a cidade já está pronta para o dia seguinte.

Porque o 2 de Julho, aqui, não é um dia.

É celebração que atravessa o tempo!



Desfile de Dois de Julho 2024 - Acervo: DIRECOM



E. M. Monsenhor Osvaldo Magalhães - 2026 - Acervo DIRECOM

PROJETO DE DOIS DE JULHO

Uma proposta de Educação patrimonial para a Rede Municipal de Ensino de Caetité

Fernanda de Oliveira Matos ¹

Em Caetité, o Dois de Julho, marco da consolidação da Independência na Bahia, não se restringe a um evento histórico datado, mas constitui um patrimônio cultural que mobiliza símbolos, narrativas, personagens, rituais e práticas cívicas transmitidas por gerações e ao longo de gerações.

Essa celebração é um patrimônio imaterial local registrado de acordo com o Decreto Municipal nº 057, publicado em 29 de junho de 2020 no Diário Oficial do Município.

Nessa perspectiva, compreendemos a celebração cívica “Independência da Bahia - Dois de Julho” como prática social viva, atravessada por disputas de memória, ao mesmo tempo em que forma identidade e pertencimento, por isso mesmo, na Rede Municipal de Ensino de Caetité, ela é tratada e trabalhada de acordo os pressupostos teóricos e metodológicos da Educação Patrimonial.

Nas Unidades Municipais de Ensino, o Dois de Julho, chega como um Projeto Pedagógico de rede. Ao articular formação docente, trabalho interdisciplinar com sequências didáticas, realização de oficinas, concurso artístico-literário e desfile cívico, o projeto propõe ações integradas que transformam a celebração do Dois de Julho em uma experiência formativa, crítica e participativa onde o fato histórico em questão é atualizado por meio de um trabalho pedagógico de reconhecimento, valorização, preservação e ressignificação deste bem imaterial, que constitui a memória social e a identidade coletiva local.

¹ Mestre em Educação e Contemporaneidade, Doutora em Memória, Pós Doutoranda em Ensino, Linguagem e Sociedade, Professora da Rede Municipal de Ensino de Caetité. fernanda.om@hotmail.com

O Projeto Pedagógico Dois de Julho ultrapassa a lógica comemorativa tradicional e se consolida como ação educativa estruturada, bem organizada e pautada nos princípios da Educação Patrimonial e no desenvolvimento de habilidades propostas pela BNCC no que tange:

- o reconhecimento do patrimônio como construção histórica e social;
- a valorização das memórias locais;
- a participação ativa dos sujeitos na produção cultural;
- a articulação entre escola, comunidade e território.

Ao promover o estudo e a vivência da festividade de Dois de Julho como patrimônio cultural, o projeto contribui para a formação de estudantes atentos para o significado histórico e cultural desta celebração, conscientes de seu papel na manutenção da memória coletiva e comprometidos com a história local. Trata-se, portanto, de uma proposta pedagógica que alia história, tradição e reflexão, celebração, conhecimento, memória e cidadania.

Como se desenvolve a proposta pedagógica

A proposta consiste em incluir a temática “Independência da Bahia” e o tema trabalhado no ano às atividades pedagógicas de Rede Municipal iniciando pelos encontros de Formação Docente que ocorrem no Núcleo de avaliação e formação de Caetité (NEAF) executado com os formadores, coordenadores e depois com os professores. Essa prática garante que o tema chegue ao planejamento a ser executado pelas escolas levando em consideração o nível e a modalidade de ensino desenvolvida em cada uma.

Para melhor organização da rede, o projeto e a temática são apresentados na Pré-Jornada, aos gestores, e na Jornada Pedagógica, onde todos os professores têm acesso e também a possibilidade de intervir, adaptando-o às particularidades e realidades de cada unidade.

Como parte das atividades propostas e com objetivo de aproximar os alunos da Rede Municipal do tema posto, a Diretoria de Projetos e Produtos Educacionais do NEAF, tem se debruçado sobre a criação de materiais pedagógicos destinados às Unidades de Ensino no formato de pequenas exposições, oficinas e jogos.

Esses produtos visam aproximar os estudantes não só do evento histórico, mas também das particularidades que esta celebração assume em Caetité.

Metodologicamente, os materiais elaborados e as atividades executadas dialogam com a perspectiva da aprendizagem significativa, na medida em que partem da realidade dos estudantes para problematizar o passado, promovendo o desenvolvimento da consciência histórica e da cidadania ativa.

As oficinas tomam por objetivo primeiro transformar o conteúdo, que é distante e abstrato para os alunos menores, em algo mais próximo e acessível utilizando o concreto, do imagético, da linguagem acessível e adequada para isso.

Como base teórica, está ancorado nos princípios da literacia histórica, do letramento histórico com vistas à construção da consciência histórica tão difundida por autores como Peter Lee, entre outros.

Neste contexto, o concurso artístico-literário materializa o conhecimento construído, através de diferentes linguagens e expressões artísticas a que os alunos têm acesso na escola.

Ao produzir poemas, desenhos, releituras e outras produções literárias e artísticas, inspiradas no tema trabalhado no projeto do ano, os estudantes deixam de ser apenas receptores de narrativas oficiais e tornam-se sujeitos criadores de sentidos. Essa dimensão autoral é central na Educação Patrimonial, pois fortalece o vínculo afetivo com o patrimônio cultural e incentiva sua valorização.

A essa altura, é necessário enfatizar que, para além de concorrer a prêmios simbólicos, as produções mais adequadas ao tema ganham espaço na Revista Dois de Julho. Com essa ação, a intenção é registrar a memória das festividades de Caetité, salvaguardar as produções dos alunos sobre o tema, patrimoniando-as.

O Projeto é concluído com um desfile cívico, que neste caso, não é compreendido apenas como culminância festiva, mas como ritual público de memória. Ao participar ativamente de sua construção — desde a pesquisa temática até a elaboração de quadros: alegorias, faixas, figurinos e performances, a comunidade escolar experimenta o patrimônio como prática coletiva. O desfile, nessa perspectiva, constitui-se espaço de visibilidade das aprendizagens, de afirmação identitária e de diálogo entre escola e comunidade, entre passado e presente.

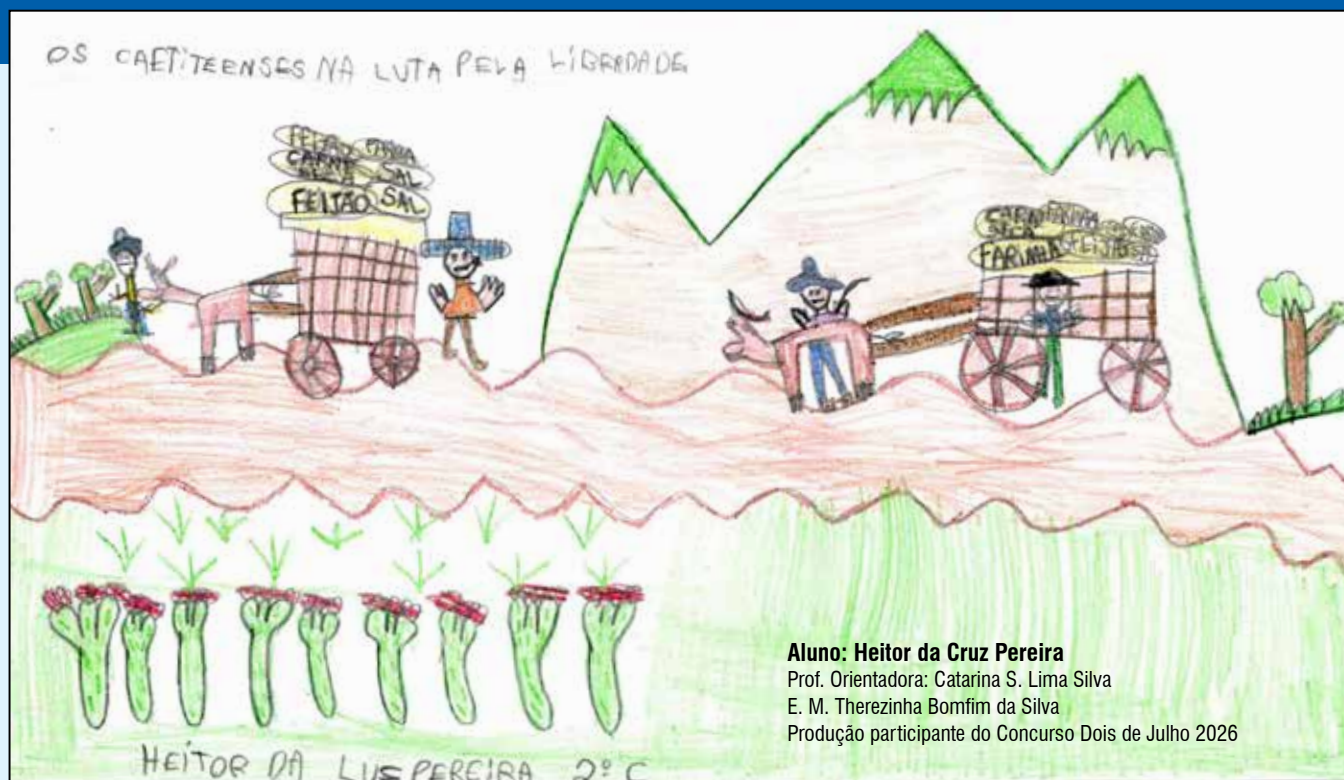
Ao caráter educativo e histórico deste desfile, soma-se o tom lúdico e cultural ao envolver milhares de cavaleiros, amazonas, organizados em grupo ou de forma independente e ou alternativa. Desta forma, ao misto de elementos que representam e simbolizam a festa de Dois de Julho de Caetité, se acrescentam as montarias - e a cultura sertaneja representada pelo cavalo.

A participação imponente de milhares de animais de montaria no desfile particulariza a festividade que ocorre na cidade e que por sua vez reforça o seu caráter patrimonial.

Diante da complexidade, da variedade de perspectivas e possibilidade de olhares sobre a Festa do Dois de Julho de Caetité, não poderíamos pensá-la de outra forma, a não ser sob o ângulo da Educação Patrimonial e assim fazemos todas as vezes que levamos essa história a uma escola, todas as vezes que olhamos a bandeira do Brasil Império hasteada no mastro, todas as vezes que levamos a cabocla à Pedra do Conselho, todas as vezes que ouvimos ou cantamos o Hino ao Dois de Julho, ou todas as vezes que os grupos de cavaleiros saem enfileirados em desfile pelas ruas de Caetité.

Assim compreendemos o Dois de Julho de Caetité, que começa na escola com ações de Educação Patrimonial, mas que ganha as ruas da cidade em uma linda festa que identifica e nos representa.

Ganhadores do Concurso Artístico Literário Dois de Julho



Educação Patrimonial, Autoria e Protagonismo Discente: narrativas discentes sobre a celebração do Dois de Julho em Caetité

O Concurso Artístico-Literário Dois de Julho é uma das atividades do Projeto Pedagógico Dois de Julho promovido pela Secretaria Municipal junto aos estudantes da Rede Municipal de Ensino.

Ele nasceu do desejo de fortalecer os vínculos entre educação, memória, cultura e pertencimento, convidando crianças e jovens a refletirem sobre a Independência da Bahia – Dois de Julho e neste ano, em sua quarta edição sobre o tema “Caetité: Terra que Celebra a Liberdade”.

Mais do que uma proposta pedagógica, o concurso constitui-se como um espaço de sensibilização, criação e valorização das múltiplas formas de expressão que atravessam a tradicional Festa do Dois de Julho no município.

Ao longo das atividades desenvolvidas nas escolas, os estudantes foram instigados a pensar sobre o significado do ato de celebrar, sobre as razões que fazem de Caetité uma terra marcada pela preservação dessa memória e sobre as diferentes maneiras pelas quais a Festa do Dois de Julho é vivenciada pela população.

Nesse percurso, emergiram reflexões acerca da liberdade, da identidade cultural, da memória coletiva e das tradições que, há mais de um século, mobilizam gerações em torno de uma celebração singular, marcada pela presença da Cabocla, pelos rituais cívicos e religiosos, pela participação popular e pela forte expressão da cultura local.

O resultado do encontro entre história, memória, sensibilidade e autoria – protagonismo infanto juvenil, foi verdadeiramente encantador.

Desenhos, poemas, minicontos, releituras de obras de arte, notícias, colagens e convites revelaram diferentes olhares sobre a festa e sobre o próprio município, demonstrando a potência criativa dos estudantes e a capacidade da escola de produzir conhecimento a partir das experiências culturais vividas pela comunidade e seu território.

As produções ora publicadas nesta edição da Revista do Dois de Julho evidenciam não apenas o talento e a criatividade dos participantes, mas também o compromisso da educação municipal com a valorização da história local, da memória social e das tradições que constituem a identidade de Caetité como uma verdadeira terra que celebra a liberdade.

DESENHO

GANHADOR

O BRASILEIRO NUNCA

DEIXE, ELES SÃO FORTES E FORAM PARA A GUERRA,
PELO O SEU PAÍS, O BRASIL!



Elloá Santos Leite 🇧🇷

Aluna: Elloá Santos Leite
Prof. Orientadora Marli Batista de Souza
E. M. José Ferreira Pinto

1 dois de julho

Cartão no 2 de julho
Nos faz lembrar,
Lembrar com orgulho
Ao ver o desfile passar



É importante recordar
Pra não acontecer de novo
De vir um mandão roubar
E maltratar o nosso povo

O desfile é uma festa
Que ajuda a nossa consciência
A agradecer de forma modesta
Pela nossa independência!

Tenha ver o dois de julho
Tenha ver nossos heróis
A marcha dos cavalos faz barulho
junto com o grito da nossa voz!

Nicolle Carvalho Prado

Aluna: Nicolle Carvalho Prado
Prof. Orientador: João Victor de Souza Gomes
E. M. Bento Oliveira Ledo

O fantasma no Dois de Julho ***

Certo dia, 4 horas da manhã um jovem Cavaleiro estava arrumando seu cavalo para encontrar seus amigos e ir para Caltitê, participar do Dois de Julho, uma festa muito apreciada pelos moradores de Caltitê e região, com um grande desfile cívico.

Chegando ao ponto que haviam marcado, saíram às 4h 30 da manhã em direção ao desfile de Dois de Julho.

Eles já estavam chegando ao Coxé Baião, local bem conhecido na região, quando viram uma visão, os cavalos pularam assustados, e os cavaleiros ficaram com muito medo, eles gritaram:

- Ah! Ah! Ah! Ah!

mesmo assustados, continuaram a viagem. Já chegando em Caltitê, perceberam que a viagem estava bem próxima deles -

- Deve ser aquele cavaleiro que morreu em 1985. agora, o fantasma dele fica seguindo as pessoas, porque gostava muito de participar do Dois de Julho.

Disseram que esse cavaleiro caiu do animal por cima dele, causando sua morte. Por isso, nas comemorações do Dois de Julho, esse fantasma aparece no caminho, assustando quem passa pelo local.

Sophia Emanuel



Aluno: Ian Augusto Silva Moreira
Prof. Orientadora Adriana Souza Caxias Borges
E. M. Senador Ovídio Teixeira

Carité celebra a liberdade com arte, história e protagonismo estudantil.

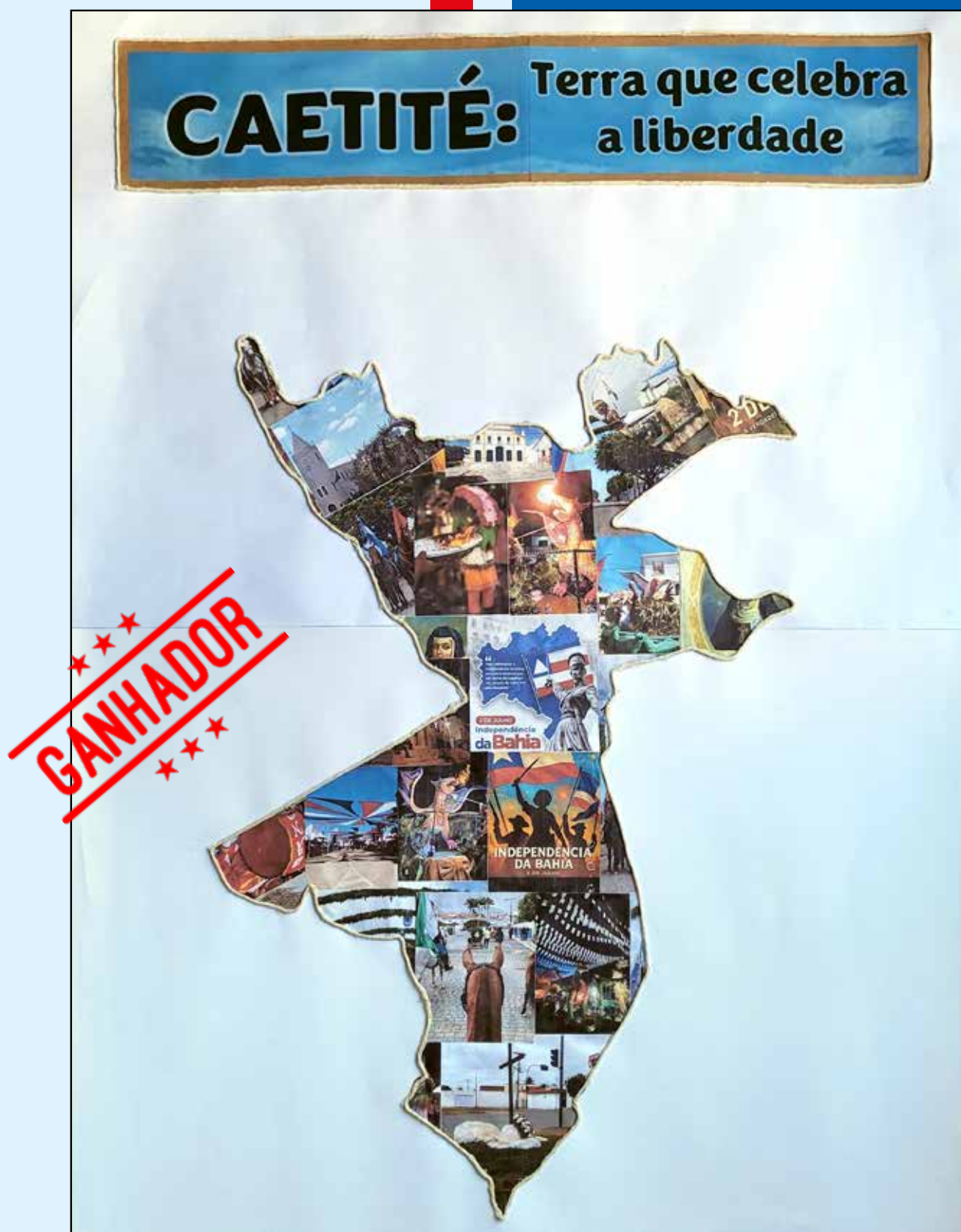
Todos os anos, o município de Carité transfere ao ruço em um grande cenário de memória, com desfiles cívicos, manifestações populares e apresentações culturais no dia 2 de julho, reatando liberdade de expressão e valorização da história do povo baiano.

Com participação de escolas, comunidades e grupos de mentoria, o desfile também fortalece o protagonismo juvenil, mas acima de tudo, os estudantes assumem papéis de grande destaque. Atuam ativamente desde a produção que compõem a revista do 2 de julho, até a participação direta no cortejo de desfile de maneira consciente, entendendo a importância de todos que contribuíram para o processo de independência na Bahia. É relevante o reconhecimento das mulheres que participaram da luta pela independência da Bahia, cujas histórias são lembradas inspirando vários projetos a empoderarem a importância da igualdade, da coragem e da representatividade feminina na história.

A "Jornada da Liberdade" simbolizando força na luta pela liberdade, marca o início dos festejos, saindo de um ponto da cidade em direção à Praia de Bonassê.

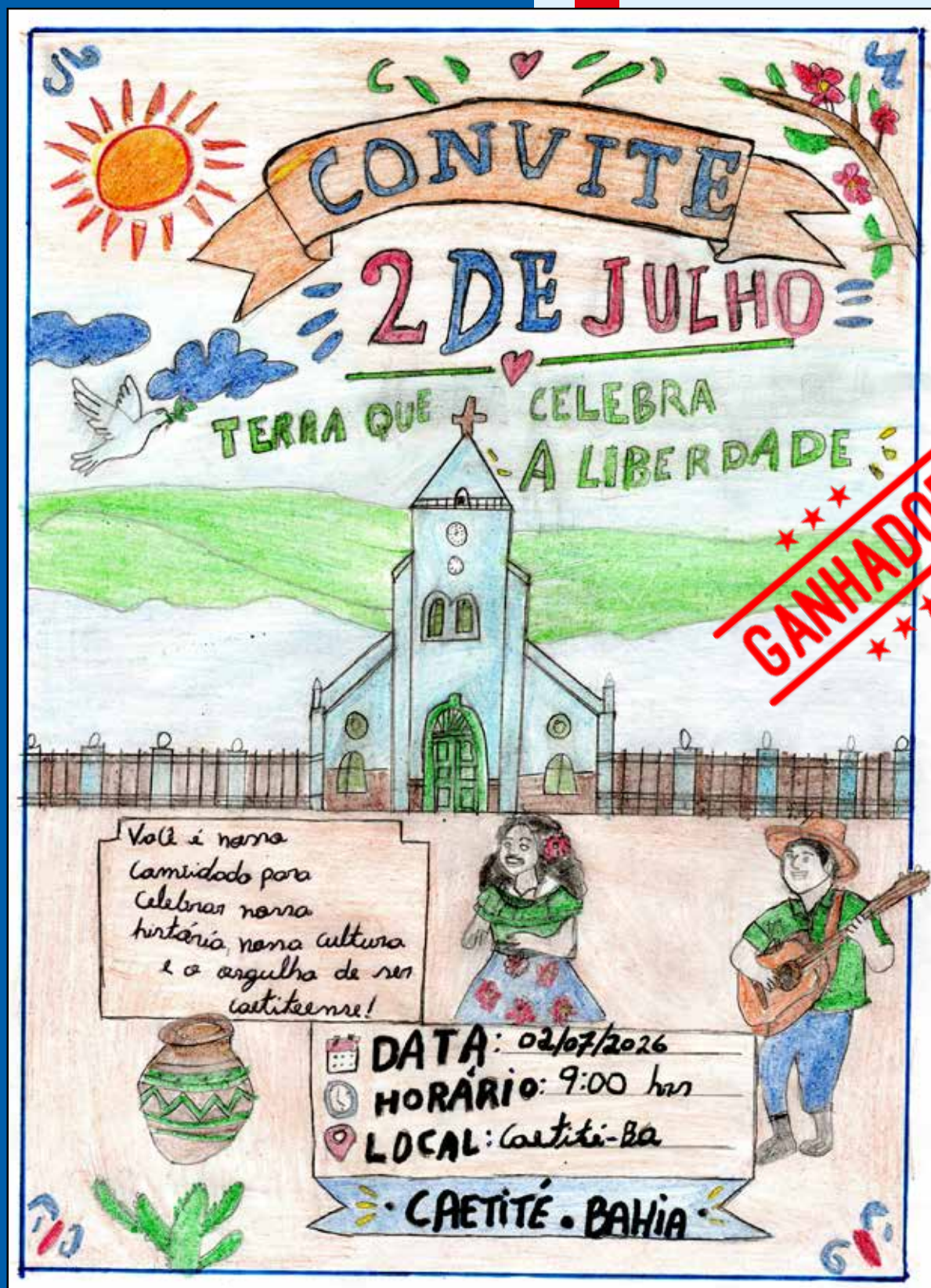
Assim, celebrar o 2 de julho em Carité é manter viva a memória de um povo que lutou por uma terra livre, e ao mesmo tempo, incentivando os jovens a deixar de ser apenas espectadores e passando a atuar de forma consciente, crítica e participativa, carregando mensagens de resistência e identidade cultural.

GANHADOR



Aluna: Adriana Ribeiro da Silva
Prof. Orientadora: Jucélia de Matos Alves
E. M. Senador Ovídio Teixeira

CONVITE



Aluno: Luís Eduardo Santana Castro
Profs. Orientadoras: Edelweis Santos Costa / Daiane Araujo Fernandes
E. M. Vereador Clemente Ferreira de Castro



Desfile de Dois de Julho - 2024

Caetité mantém a tradição do 2 de Julho no Sertão

Deputada Ivana Bastos ¹

A tradição quase bicentenária do desfile cívico do 2 de Julho em Caetité há muito tempo merecia ter a sua importância valorizada, principalmente depois que a data passou a ser o Dia Nacional da Consolidação da Independência do Brasil, por iniciativa da Presidência da República e aprovação do Congresso. Fora de Salvador e do Recôncavo é em Caetité, minha terra natal, que o desfile mantém o seu formato tradicional, que vem desde o Século XIX.

Foi para reparar essa injustiça histórica que apresentei à Assembleia Legislativa da Bahia o projeto de lei que reconhece os festejos cívicos, culturais e tradicionais do 2 de Julho realizados anualmente no município de Caetité, como Patrimônio Cultural e Imaterial do Estado da Bahia devido à sua relevância para a preservação da memória histórica da Independência da Bahia e da identidade cultural do povo baiano.

Em Caetité a celebração do 2 de Julho vem sendo realizada há cerca de dois séculos como manifestação cívica popular, destinada a manter viva a memória das lutas libertárias e dos heróis da Consolidação da Independência do Brasil na Bahia, em 1823.

A exemplo de Salvador e Cachoeira, os festejos caetiteenses são caracterizados por desfiles cívicos, representações simbólicas da Cabocla e dos heróis da Independência, participação de escolas, forças de segurança, grupos culturais e tradicionais montarias, constituindo expressão singular da cultura popular sertaneja e importante instrumento de educação histórica e identidade coletiva.

Além de seu valor histórico, a manifestação cultural possui forte impacto social, educativo e econômico, mobilizando a população local, fortalecendo o turismo cultural e contribuindo para a preservação das tradições regionais. Trata-se de patrimônio simbólico que reafirma o sentimento de pertencimento e a memória das lutas pela liberdade e pela autodeterminação do povo baiano.

Sob o ponto de vista jurídico-constitucional, o reconhecimento encontra fundamento no art. 216 da Constituição Federal, que define como patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial portadores de referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade.

¹ Presidente da Assembleia Legislativa da Bahia

Igualmente, a Constituição do Estado da Bahia, ao reconhecer o Dois de Julho como data histórica fundamental do povo baiano, impõe ao Poder Público o dever de proteger e valorizar as manifestações culturais a ela vinculadas.

O 2 de Julho constitui a data magna da Independência da Bahia, celebrando a vitória das forças brasileiras sobre o domínio colonial português em 1823, episódio decisivo para a consolidação da independência nacional em território baiano. Assim, o projeto de lei possui elevado significado histórico, cultural e simbólico, ao reconhecer oficialmente os festejos em Caetité como Patrimônio Cultural e Imaterial do Estado da Bahia.

Além disso, o reconhecimento estadual representa medida estratégica de preservação da memória histórica da Independência da Bahia; valorização da cultura popular sertaneja; fortalecimento da identidade baiana; promoção do desenvolvimento cultural; estímulo ao turismo cultural; à economia criativa e ao desenvolvimento regional sustentável; e proteção institucional de tradição secular de relevante interesse público.

Pela proposição por mim encaminhada à apreciação do Legislativo, o Poder Executivo Estadual, por meio dos órgãos competentes, poderá promover o inventário, registro e salvaguarda das expressões culturais relacionadas aos festejos; apoiar iniciativas educacionais, artísticas e culturais que promovam a difusão da tradição histórica; estabelecer parcerias com o município de Caetité, instituições culturais, universidades e entidades da sociedade civil, para preservação e valorização do patrimônio reconhecido.

Na condição de primeira mulher a presidir a Assembleia Legislativa da Bahia em seus 192 anos de existência, de filha de Caetité, sertaneja, municipalista e com maior votação entre todos os candidatos a deputado estadual, senti que

era um dever cívico e cultural ressaltar os festejos da minha cidade natal como contribuição fundamental da região para a luta na Bahia pela consolidação da Independência do Brasil e manutenção da tradição da festa dos Caboclos, Vaqueiros e do povo em geral.

Viva Caetité e Salve o 2 de Julho de 1823!

“

O projeto de lei possui elevado significado histórico, cultural e simbólico, ao reconhecer oficialmente os festejos em Caetité como Patrimônio Cultural e Imaterial do Estado da Bahia.

Desfile de Dois de Julho - 2024



Serra da liberdade

Em uma manhã ensolarada em Cariti, Maria e sua mãe passeiam. Por ser muito curiosa e raposa, a garotinha exclamou:

- Mãe, por que todo mundo está com roupas festivas? É por que tem militares desfilando pelas ruas?

A mãe de Maria percebeu que ela estava interessada por saber mais sobre o que estava acontecendo, então, toda entusiasmada, pergunta:

- Filha, você já ouviu falar do 2 de julho?

A pequena Maria responde que nunca tinha ouvido falar sobre essa data, mas segue assistindo o desfile e atenta a todos os elementos. Ela vê as representações de grandes heróis lutando pela independência da Bahia.

- Maria, olha! Disse a mãe.

- Que legal! Responde Maria ao ver a Cabocla e o dragão passar.

Maria, uma menina raposa, vai até mais perto e vê uma pequena frase, que dizia "O Sol não nasceu no dia 7 de Setembro na Bahia, e sim no dia 2 de julho."

A partir daquele dia Maria sabe a história da cidade e do estado onde ela morava.



Aluna: Maria Elísia Souza Pereira

Profs. Orientadoras: Daiete Aparecida Pereira Batista e Advânia Brito Vilasboas

E. M. Mem de Sá

Produção participante do Concurso Dois de Julho 2026

A FUGA DAS PROFESSORAS

Jaguaracyra da Silva Soares Pereira ¹

Nadir de Souza Lédo ²

Era véspera de 2 de julho, e Caetité já respirava festa. Bandeirinhas tremulavam, o movimento nas ruas aumentava e, como sempre, a escola estava em ritmo acelerado. No antigo Colégio Modelo, a produção estava a todo vapor para a participação no desfile. Falavam alguns detalhes, materiais, ajustes, e, claro, alguém precisava resolver isso de última hora. E quem teria coragem de sair de carro durante a noite do dia 01 de julho em Caetité? Enquanto outras colegas ficaram produzindo na escola, duas professoras se prontificaram a ir, confiantes que daria tudo certo.

Já eram quase 21 horas, quando na cidade já não era permitido os carros circularem pelas ruas. E lá estavam as duas, decididas, dentro de um pequeno Ford Ka vermelho, que mais parecia uma joaninha corajosa enfrentando o mundo. Missão: chegar até a papelaria de Cid, custasse o que custasse.

Como as ruas principais estavam interditadas, restou a estratégia clássica: cortar caminho por ruas mais distantes, quase escondidas, como quem participava de uma aventura secreta. Entre uma curva e outra, desviando aqui e ali, conseguiram chegar ao destino, comprar o material e, com a sensação de dever cumprido, iniciar o caminho de volta.

Mas Caetité, naquela noite, ainda guardava uma surpresa...

Logo após uma curva, subindo uma ladeira, elas se depararam com uma cena digna de filme: cavalos soltos (com seus donos), atravessando a rua com a tranquilidade de quem também parecia se preparar para o desfile. Até aí, tudo bem. O problema começou quando surgiu... um boi!

E não era um boi qualquer. Era enorme! Grande, quase um bisão — daqueles que fazem qualquer coragem diminuir alguns centímetros. Parou ali, ocupando a rua como o dono do pedaço, olhou para o pequeno Ford Ka como quem avalia um intruso.

Dentro do carro, o clima mudou.

— E agora? — uma perguntou, já segurando o volante com mais força.

— Eu não sei... acho que ele está vindo para cá!

E estava mesmo.

O boi começou a se aproximar, e a joaninha sobre rodas pareceu ainda menor diante daquele cenário. Entre risos nervosos e um certo desespero, as professoras tentavam decidir: avançar, recuar ou simplesmente rezar?

O carro andava em pequenos movimentos, já havia desviado dos cavalos; enquanto o boi, pesado e determinado, parecia testar a resistência daquele veículo minúsculo. Por um instante, o medo de serem “atropeladas ao contrário”, pisoteadas pelo próprio boi, se tornou real.

Mas, como em toda boa história, veio a virada.

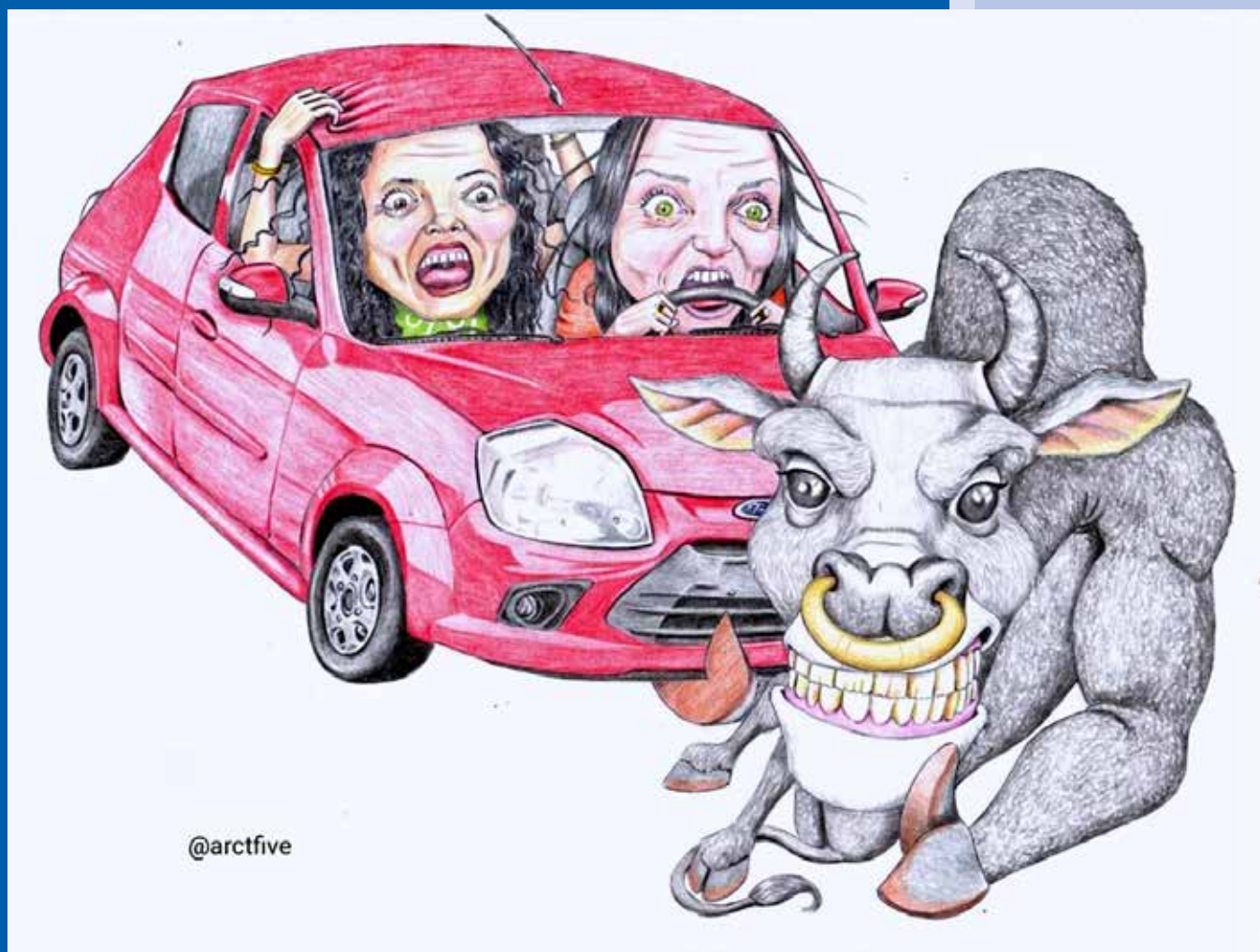
Com um misto de coragem, sorte e pressa, conseguiram escapar. Passaram pelo animal, subiram a ladeira e, finalmente, chegaram à escola — intactas, aliviadas e com uma história que jamais se esqueceriam.

Naquele dia, mais do que preparar um desfile, elas protagonizaram uma aventura. E entre boi gigante, cavalos distraídos e um Ford Ka valente, ficou a certeza de que ser professora, às vezes, também exige mesmo muita coragem... e um bom senso de humor.

¹ Professora da Rede Estadual de Ensino e da Rede Municipal de Ensino de Caetité.

² Professora da Rede Estadual de Ensino e da Rede Municipal de Ensino de Caetité.

E o desfile? Ah, esse aconteceu lindamente. Mas nenhuma apresentação foi tão memorável quanto a fuga improvisada na véspera do 02 de julho.



“

*E não era um
boi qualquer.
Era enorme!
Grande, quase
um bisão.*

Coisas que aparecem no Dois de Julho de Caetité

Por Luiz Benevides







Desfile de Dois de Julho 2025 - Acervo: DIRECOM

A PEDRA FUNDAMENTAL DO DOIS DE JULHO

Cultura e história unidas em 200 anos de Caetité na Independência da Bahia

Jair Antônio Soares ¹

Não temos registros de como o caetiteense passou a festejar a vitória brasileira nas lutas da Independência, há dois séculos. Mas um marco foi deixado por nossos ancestrais que permanece intacto na memória de nossa gente: a *Pedra do Conselho*.

Conta a tradição que foi ali, na saída norte da cidade rumo à Estrada Real que comunicava Caetité com o resto do país, que os voluntários combatentes se despediam dos familiares e partiam rumo ao Recôncavo, palco das lutas, levando ainda auxílio em bens e dinheiro à causa libertadora. Por isso, até hoje, é para lá que na noite do dia primeiro é levado com pompa o *Carro da Cabocla*, figura que representa nossa gente a derrotar o *Dragão da Tirania* que era o domínio portugueses.

Esse marco bicentenário hoje está em uma pequena praça, diante do Cemitério da Saudade – construído no final do século XIX. É, sem dúvida, merecedor de um monumento que registre o quanto o povo caetiteense, do passado e do presente, mantém viva a chama da Liberdade.

A Secretaria de Cultura, Esporte, Lazer e Turismo (SECELT) vem se esforçando ao longo dos anos por manter viva a Festa do Dois de Julho de Caetité, tendo já realizado o seu tombamento como bem histórico e cultural imaterial da sua gente. Participa ativamente da organização dos festejos, sobretudo na parte festiva propriamente dita, bem como no registro e avaliação dos seus *Grupos de Montaria*, um dos principais elementos do evento cívico e popular.

Assim como a *Pedra do Conselho*, a SECELT luta no presente para que nossas tradições se fortaleçam, e que o futuro se erga em monumento assinalando esse marco da história – que é de Caetité, é da Bahia e é do próprio Brasil.

¹ Secretário Municipal de Cultura, Lazer, Esporte e Turismo de Caetité.



Desfile de Dois de Julho 2025 - Acervo: DIRECOM

Nunca mais, nunca mais o despotismo: viva a nossa liberdade!

Elvano Caires Sousa¹

“Nossa pátria, hoje livre. Dos tiranos, dos tiranos não será”

A celebração da Independência da Bahia, mais precisamente a comemoração do Dois de Julho, no município de Caetité configura-se como uma tradição singular, cuja riqueza simbólica, histórica e cultural desafia qualquer tentativa de descrição em palavras. Trata-se do reconhecimento de uma prática historicamente construída, que se busca manter viva ao longo do tempo. Para além de sua relevância no contexto da história do Brasil, essa celebração remete à história local, na medida em que o desfile cívico, que percorre as ruas da cidade em clima festivo, também ecoa o Hino ao Dois de Julho², cujos versos carregam forte simbolismo e expressam uma narrativa que identifica o povo baiano com sua própria história de luta e conquista.

São poucas as cidades baianas que realizam desfiles cívicos em comemoração à Independência da Bahia. Entre elas, destacam-se a cidade de Cachoeira, no Recôncavo Baiano, a capital, Salvador e Caetité, no Alto Sertão da Bahia, que ainda mantêm essa tradição de levar às ruas manifestações que representam a luta de um povo que não poupou coragem para tornar o Brasil livre do domínio português.

É importante destacar que a celebração do Dois de Julho em Caetité, com toda a sua grandiosidade, é marcada pela ampla participação popular. Nela se fazem presentes comunidades quilombolas, povos originários, representados pela figura cabocla, grupos de montaria e toda a população, que ocupa as ruas em um ato de resistência e afirmação da identidade do povo baiano.

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES); graduado em História pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Atualmente, é Coordenador Técnico da Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJA) na rede municipal de Caetité-Bahia.

² BAHIA. Lei Nº 11.901 de 20 de abril de 2010. Institui o Hino ao Dois de Julho como Hino Oficial do Estado da Bahia. Art. 1º: “ Fica instituído o Hino ao Dois de Julho, de autoria de Ladislau Santos Titara e José dos Santos Barreto, como Hino Oficial do Estado da Bahia” Disponível em: <https://leisestaduais.com.br/ba/lei-ordinaria-n-11901-2010-bahia-institui-o-hino-ao-dois-de-julho-como-hino-oficial-do-estado-da-bahia> Acesso em: 17 de abril de 2026.

Essa tradição é transmitida de geração a geração, sustentada por aqueles que valorizam e preservam essa importante manifestação cultural. Ainda que não seja possível afirmar com precisão quando tiveram início os primeiros festejos em comemoração a essa data tão significativa para a Bahia, e, por que não, para o Brasil, é certo que, ao longo do tempo, a forma de celebrar o Dois de Julho em Caetité passou por diversas transformações. O desfile cívico incorporou carros alegóricos, quadros temáticos e a participação ativa das escolas e da população, conferindo maior visibilidade e significado à celebração. Contudo, o sentimento de pertencimento e de identificação com essa história permanece vivo, reafirmando a identidade heroica do povo baiano e brasileiro.

Trata-se de uma festa profundamente enraizada na história local. Mesmo que nem todos conheçam, em detalhes, os processos históricos que culminaram na consolidação da Independência do Brasil na Bahia, em 2 de Julho de 1823, há um reconhecimento afetivo e coletivo da importância dessa data. A população se identifica com a festa, participa e a mantém viva como expressão de pertencimento, identidade e, sobretudo, da conquista da liberdade.

Nesse dia, as ruas da cidade tornam-se palco de manifestações culturais diversas, nas quais a presença popular assume papel central. O desfile cívico, marcado por múltiplas tradições e expressões culturais,

renova-se a cada ano, ressignificando seus sentidos e ampliando sua relevância. Destaca-se, nesse contexto, o caráter pedagógico da celebração, uma vez que mobiliza as escolas da rede municipal na elaboração de quadros temáticos e projetos educativos voltados à reflexão sobre a comemoração do Dois de Julho em Caetité.

Essas iniciativas fortalecem o engajamento dos estudantes e contribuem para a construção de uma consciência histórica crítica, inserida em um horizonte interpretativo amplo. Assim, a festa não se limita ao campo da celebração, mas se constitui também como espaço de aprendizagem, reflexão e formação cidadã.

Ao considerar a temática do ano de 2026, “Caetité: terra que celebra a liberdade”, torna-se pertinente estabelecer um diálogo com a letra do Hino ao Dois de Julho. O hino apresenta, em seu conteúdo, uma narrativa marcada pela luta do povo baiano em oposição ao despotismo, evidenciando, por meio dessas lutas, que fez-se emergir o “sol da liberdade” em toda a nação brasileira. Nesse sentido, seus versos iniciais, “Nasce o Sol a dois de Julho/Brilha mais que o primeiro/ É sinal que, neste dia, / Até o sol é brasileiro”, evocam simbolicamente a ideia de renovação, conquista e afirmação da soberania. O sol do Dois de Julho, portanto, não é apenas um elemento natural, mas um símbolo de liberdade conquistada pelo povo brasileiro.

A liberdade, conceito central dessa celebração, pode ser compreendida como a capaci-

dade de autodeterminação de um povo, isto é, sua condição de agir segundo suas próprias escolhas e princípios. Nesse sentido, conforme a tradição do pensamento político moderno, a liberdade está associada à autonomia e à recusa de qualquer forma de dominação arbitrária. Assim, não se trata de agir sem limites, mas de não estar submetido à vontade arbitrária de outro indivíduo. No estado de natureza, o homem é livre na medida em que não depende da vontade alheia, sendo regulado apenas pela lei natural; já em sociedade, a liberdade se realiza por meio de leis comuns, ou seja, instituídas por um poder legítimo e aplicáveis a todos.³

Essa compreensão encontra forte ressonância nos versos mais emblemáticos do hino: “Nunca mais, nunca mais o despotismo / Regerá, regerá nossas ações”. Ao proclamar a rejeição ao despotismo, o hino reafirma um compromisso coletivo com a liberdade, entendida como oposição à tirania e como afirmação da autonomia de um povo que se reconhece como sujeito de sua própria história.

Desse modo, a liberdade celebrada no Dois de Julho não se restringe a um acontecimento do passado, mas se projeta como um valor continuamente reafirmado no presente. A cada ano, ao atualizar os sentidos dessa comemoração, por meio de práticas culturais, educativas e simbólicas, a população de Caetité reafirma seu compromisso com a memória histórica e com a defesa de princípios que permanecem atuais.

3 LOCKE, John. Segundo tratado do governo civil: ensaio sobre a origem, os limites e os fins verdadeiros do governo civil. Introdução de J. W. Gough. Tradução de Magda Lopes e Marisa Lobo da Costa. Petrópolis: Vozes, 1994. (Coleção clássicos do pensamento político). Disponível em: https://www.unirio.br/cchs/ess/Members/bruno.oliveira/segundo-tratado-sobre-governo/at_download/file Acesso em: 20 de abril de 2026.



Desfile de Dois de Julho 2025 - Acervo: DIRECOM

Assim, ao ecoar os versos “Com tiranos não combinam / Brasileiros corações”, a celebração do Dois de Julho em Caetité evidencia que a liberdade não é um dado definitivo, mas um processo contínuo de construção histórica. Esses versos, carregados de força simbólica, funcionam como um chamado coletivo à vigilância permanente contra qualquer forma de opressão, ao mesmo tempo em que reforçam uma dimensão emocional e identitária profundamente enraizada na cultura local.

Ao lembrar que “Nossa pátria, hoje livre/ Dos tiranos não será”, o hino reforça a ideia de que a liberdade conquistada deve ser constantemente defendida. Ao cantar o Hino ao Dois de Julho, não se rememora apenas o passado, mas reafirma-se, no presente, o compromisso com a continuidade dessa liberdade. Em Caetité, essa defesa se manifesta na permanência da festa, na participação popular e na transmissão dessa tradição, garantindo que o significado do Dois de Julho permaneça vivo como expressão de resistência, identidade e emancipação, reafirmando, continuamente, que “nunca mais, nunca mais o despotismo / Regerá, regerá nossas ações”.

Enfim, a celebração do Dois de Julho em Caetité é marcada pelas manifestações culturais de um povo que expressa, por meio da participação popular, sua identidade e sua história. Esse momento festivo consolida-se como um espaço de resistência e afirmação coletiva. Ao articular tradição, participação popular e práticas educativas, a celebração reafirma, a cada ano, o compromisso coletivo de manter acesa a chama da liberdade. Nesse sentido, mais do que comemorar feitos históricos, a festa atualiza seus significados no presente, fortalecendo o sentimento de pertencimento e projetando para as futuras gerações a responsabilidade de manter viva a luta contra toda forma de opressão.

REFERÊNCIAS:

BAHIA. Lei nº 11.901, de 20 de abril de 2010. **Institui o Hino ao Dois de Julho como hino oficial do Estado da Bahia.** Disponível em: <https://leisestaduais.com.br/ba/lei-ordinaria-n-11901-2010-bahia>. Acesso em: 4 maio 2026.

LOCKE, John. **Segundo tratado do governo civil: ensaio sobre a origem, os limites e os fins verdadeiros do governo civil.** Introdução de J. W. Gough. Tradução de Magda Lopes e Marisa Lobo da Costa. Petrópolis: Vozes, 1994. (Coleção clássicos do pensamento político). Disponível em: https://www.unirio.br/cchs/ess/Members/bruno.oliveira/segundo-tratado-sobre-governo/at_download/file. Acesso em: 20 de abril de 2026.

SILVA, Rayanne Gabrielle da. **O processo de Independência do Brasil na Bahia e no Piauí: guerra resistência e vitória (1822-1823).** Revista Cantareira, 29. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/cantareira/article/view/30786>. Acesso em: 03 de maio de 2026.

Elas são Maria Felipa: mulheres pretas que sustentam, resistem e transformam

Histórias de resistência, fé e legado

Kyara Kelly Rodrigues Santos Maia¹

A trajetória de Maria Felipa de Oliveira atravessa a fronteira entre a história documentada e a memória coletiva. De origem ainda incerta, sua imagem foi construída, em grande parte, pelo imaginário popular da Ilha de Itaparica, onde é lembrada como uma mulher preta, forte, de presença marcante, vestida com saias rodadas, turbante e chinelas, elementos que, segundo a tradição oral, também serviam como estratégia para ocultar armas utilizadas em seu cotidiano de trabalho como marisqueira, pescadora e ganhadeira.

Embora sua notoriedade seja amplamente reconhecida na cultura popular baiana, as fontes históricas escritas sobre Maria Felipa ainda são escassas. Esse silenciamento nos mostra como a história oficial foi construída deixando de fora sujeitos negros e mulheres, revelando limites importantes da historiografia tradicional (Santos, 2024).

Durante muito tempo, Maria Felipa não possuía uma representação visual definida, sendo sua imagem construída apenas pela memória oral dos moradores da Ilha de Itaparica. Foi somente em 2004 que a perita criminal e desenhista Filomena Orge se dedicou à elaboração de um retrato falado da heroína, a partir de estudos históricos e relatos populares. Acostumada a reconstruir rostos com base em depoimentos, a artista enfrentou o desafio de dar forma a uma personagem cuja existência estava marcada pela ausência de registros iconográficos, evidenciando, assim, as lacunas históricas relacionadas à presença de mulheres negras na narrativa oficial (Santana, 2023).

Apesar disso, a atuação de Maria Felipa nas lutas pela Independência da Bahia é constantemente reafirmada pela memória social. Estima-se que, ainda jovem, com cerca de 23 ou 24 anos, Maria Felipa tenha liderado um grupo de

aproximadamente quarenta mulheres na resistência contra as tropas portuguesas. Essas mulheres, conhecidas como “vedetas”, destacavam-se por sua habilidade na navegação, no conhecimento do território e na organização de estratégias de defesa.

Acostumadas à vida nos mangues, rios e mares, essas mulheres utilizavam saberes construídos no cotidiano para enfrentar o inimigo. Narrativas populares relatam o uso de plantas como o cansanção, capaz de provocar fortes irritações na pele, além de estratégias de aproximação e ataque que surpreendiam os soldados portugueses. Entre as ações atribuídas a esse grupo estão a destruição de embarcações inimigas, como a canhoneira *Dez de Fevereiro* e a barca *Constituição*, episódios considerados decisivos para impedir

o avanço das tropas portuguesas na região do Recôncavo Baiano.

Os confrontos pela independência na Bahia tiveram seu desfecho em julho de 1823. Sobre a vida de Maria Felipa após esse período, há poucas informações, sendo sua morte situada, de forma aproximada, por volta de 1873.

Ainda que envolta em lacunas documentais, a existência e a atuação dessas mulheres não podem ser reduzidas à dúvida. Estudos como os do historiador Hendrik Kraay apontam registros que mencionam a participação feminina nas lutas da época. Em correspondências diplomáticas do período, há referências a mulheres da Ilha de Itaparica que se uniram aos homens na defesa do território, o que

reforça a presença ativa dessas personagens na resistência.

Nesse sentido, Maria Felipa e as demais mulheres que atuaram nesse contexto não devem ser compreendidas como exceção, mas como parte de uma coletividade que resistiu, lutou e contribuiu de forma decisiva para a independência da Bahia.



Representação de Maria Felipa, criada pela desenhista e perita criminal Filomena Orge (2004).

¹ Graduada em História pela UNEB – Campus VI. Especialista em Coordenação Pedagógica - UFBA. Pós-graduada em Formação Social e Econômica do Brasil - UNIVERSO. Mestra em Ensino, Linguagem e Sociedade - UNEB. Professora das redes municipal e particular de ensino, atualmente atua como professora formadora da área de Humanas no Núcleo Educacional de Formação e Avaliação da rede municipal de Caetité-Bahia. E-mail: kyarakelly145@gmail.com.

Ao longo do tempo, sua memória vem sendo resgatada por diferentes iniciativas. Espaços culturais, projetos educativos e manifestações artísticas têm buscado valorizar sua trajetória e reafirmar seu lugar na história. Entre essas ações, destaca-se a criação de espaços dedicados à preservação de sua memória, bem como homenagens em expressões culturais afro-brasileiras, como blocos de afoxé e projetos educacionais de caráter decolonial.

O reconhecimento institucional também se materializa por meio da Lei nº 13.697, de 2018, que inscreveu no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria, localizado no Panteão da Pátria e da Liberdade Tancredo Neves, em Brasília, o nome de Maria Felipa de Oliveira e outras figuras fundamentais nas lutas pela Independência da Bahia. Esse reconhecimento consolida, ainda que tardiamente, seu lugar na história nacional.

Mulheres pretas de Caetité: memória viva e resistência cotidiana

Ao trazer a figura de Maria Felipa para o centro da reflexão, abre-se espaço para reconhecer outras mulheres que, em contextos locais, continuam produzindo história por meio de suas vivências e práticas. Assim, é importante destacar que o município de Caetité também esteve inserido no contexto das lutas pela Independência da Bahia. Além disso, por se tratar de uma cidade marcada por um passado colonial e escravocrata, a presença e a contribuição da população negra constituem elementos fundamentais na formação de sua identidade social e cultural. É nesse cenário que emergem histórias de mulheres negras que, assim como Maria Felipa, constroem cotidianamente trajetórias de resistência, cuidado e transformação.

Poderíamos aqui mencionar diversos nomes de mulheres que fizeram e continuam fazendo a história de nossa cidade, cujas trajetórias, muitas vezes invisibilizadas, são fundamentais para compreender a construção social e cultural de Caetité. No entanto, neste momento, escolhemos destacar seis dessas mulheres, cujas histórias representam tantas outras que, com coragem, fé e determinação, transformaram suas realidades e deixaram e deixam marcas profundas em suas comunidades.



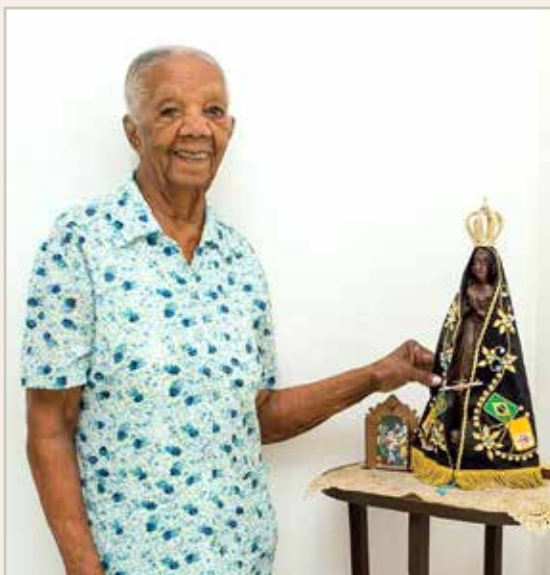
Ilza Maria Alves é uma dessas mulheres. Exemplo de superação e compromisso com a educação. Professora, enfrentou as dificuldades da vida com coragem e determinação, buscando nos estudos o caminho para transformar sua realidade. Licenciada em Letras, construiu sua trajetória com dedicação ao ensino e ao cuidado com seus estudantes. Ao longo de sua caminhada, também contribuiu com a gestão educacional, ampliando seu olhar sobre a escola e o processo formativo. Hoje, atua como professora de Língua Portuguesa na Escola Municipal Manoel Lopes Teixeira, onde exerce sua profissão com sensibilidade, responsabilidade e amor, deixando marcas significativas na formação de seus estudantes e na comunidade escolar.

Maria Madalena Silva Oliveira também integra esse conjunto de mulheres que dignificam a nossa história. Nascida em Caetité, construiu uma trajetória marcada pela força, pela generosidade e pela superação. Técnica de enfermagem, dedicou sua vida ao cuidado com o próximo, exercendo sua profissão

com humanidade e compromisso. Católica de fé firme, sempre encontrou na espiritualidade a força para seguir em frente, sendo guiada por valores de amor, solidariedade e esperança. Esposa, mãe de seis filhos e avó de oito netos, construiu uma família baseada na união e no afeto, deixando como legado uma vida marcada pelo cuidado, pelo acolhimento e pela dedicação.



Maria Isabel Barbosa (Belzinha), funcionária pública aposentada, enfrentou as dificuldades da vida com fé e perseverança, tendo ficado órfã ainda muito jovem, juntamente com seu irmão, experiência que fortaleceu sua resiliência e sua confiança em Deus. Desde pequena, participou de grupos da Igreja Católica, onde iniciou sua caminhada de fé. Sempre muito prezada, ajudava sua mãe nos serviços domésticos, desenvolvendo diversas habilidades, entre elas a de exímia engomadeira. Hoje, é uma presença marcante na Igreja Católica de Caetité, sendo muito querida por todos. Atua como ministra da Eucaristia, servindo com dedicação à comunidade, sendo exemplo de uma resistência silenciosa, marcada pelo cuidado e pela perseverança.



Eny Alves dos Santos, aos 106 anos, sua trajetória é marcada pela força, pela dignidade e pela resistência. Nascida em Caetité, construiu sua trajetória a partir dos ensinamentos da própria existência. A infância não lhe deu livros, mas a vida lhe ensinou letras. Já adulta, aprendeu a ler o próprio nome e, com ele, escreveu o destino da filha. Enviuvou cedo, quando Enidete ainda era menina, a criou com o fruto do seu trabalho, lavando roupas, enfrentando as durezas do cotidiano com dignidade e coragem. Sua trajetória revela a realidade de tantas mulheres negras que, por meio do trabalho árduo, sustentaram suas famílias e garantiram a continuidade da vida em contextos marcados por dificuldades. Hoje, sua existência se torna um testemunho vivo de amor, de cuidado e de uma resistência que atravessa gerações, ensinando pelo exemplo.

Enidete Fátima dos Santos Pinheiro, construiu uma trajetória mar-

cada pela dedicação, pelo estudo e pelo compromisso com a educação. Professora, formou sua família com amor e valores, sendo mãe de Laís, Lavine e Nardelle, a quem ensinou que o conhecimento abre caminhos e o amor sustenta a vida. Foi a experiência com sua filha Lavine, que possui surdez bilateral profunda, que despertou em Enidete uma nova missão: a luta pela educação especial e inclusiva. Movida pelo amor, tornou-se uma das pioneiras na defesa dos direitos das pessoas com deficiência em Caetité, contribuindo para ampliar o reconhecimento da Libras e fortalecer práticas mais inclusivas na sociedade.



Francisca Valdivino

(Dona Chica) é expressão viva da solidariedade. Mulher de luta, carrega em si a capacidade de olhar para o outro mesmo diante das próprias dificuldades. Por meio do Projeto Flor, constrói diariamente gestos concretos de amor, levando dignidade, alimento e esperança às pessoas do bairro que a acolheu quando aqui chegou. Mulher de fé profunda, encontra na oração, especialmente no terço que reza todos os dias, a força para seguir. Mesmo diante das dores que a vida lhe impôs, como a perda de filhos, resinificou suas tristezas em amor e cuidado com o próximo. Sua trajetória nos lembra que a verdadeira grandeza está em servir e que a fé também é um caminho de resistência e transformação.

Essas mulheres representam o que Lélia Gonzalez denomina como protagonismo negro feminino, marcado pela resistência cotidiana e pela construção de estratégias de sobrevivência e transformação social. Como afirma a autora, “a mulher negra tem sido um dos principais pilares de sustentação da comunidade” (Gonzalez, 2018, p. 57).

Nesse sentido, suas trajetórias evidenciam que a resistência não se dá apenas em grandes acontecimentos históricos, mas, sobretudo, nas práticas cotidianas de cuidado, trabalho, fé e luta. São mulheres que, mesmo diante de contextos adversos, constroem redes de apoio, preservam saberes e reinventam formas de existir com dignidade. Ao reconhecer esse protagonismo, reafirmamos a centralidade das mulheres negras na construção social e histórica, rompendo com narrativas que, por muito tempo, as colocaram à margem.



Longe de serem exceção, essas mulheres expressam uma realidade que precisa ser reconhecida. Sustentam famílias, constroem comunidades, lutam por direitos e mantêm viva a esperança. Como aponta Djamila Ribeiro, reconhecer essas trajetórias é também romper com o silenciamento histórico e afirmar novos lugares de fala:

“Falar de lugar de fala não é restringir quem pode falar, mas propor que pensemos a partir de quais lugares sociais falamos e quais experiências são historicamente autorizadas a existir. Trata-se de compreender que há vozes que foram sistematicamente silenciadas e que, ao serem ouvidas, ampliam e transformam a compreensão da realidade.” (Ribeiro, 2019, p. 61).

Reconhecer e valorizar essas trajetórias vai além de uma homenagem, trata-se de um gesto de reparação histórica e de afirmação de identidades historicamente marginalizadas. Ao trazer essas histórias à luz, ampliamos as possibilidades de leitura do mundo e fortalecemos referências que contribuem para uma sociedade mais justa e inclusiva.

Um compromisso com a memória e com o futuro

Ao evidenciar essas experiências, reafirmamos a importância de reconhecer o protagonismo negro feminino como parte fundamental da nossa identidade social e cultural, como defendem Nilma Lino Gomes e Kabengele Munanga. Nesse sentido, Gomes (2017, p. 23) destaca que “o movimento negro educa ao produzir saberes, valores e práticas que ressignificam a história e a identidade do povo negro no Brasil”, enquanto Munanga (2005, p. 18) afirma que “a identidade negra constrói-se historicamente como forma de resistência às tentativas de negação e apagamento”.

Valorizar essas trajetórias é assumir um compromisso com a memória e com a justiça social. Mais do que registrar histórias, trata-se de reconhecer mulheres como protagonistas, produtoras de saberes e agentes de transformação. Que essas histórias sejam lembradas, celebradas e ensinadas, ecoando nas escolas, nas famílias e nas comunidades. Que inspirem novas gerações a reconhecerem, com orgulho, suas raízes e suas potências.



Maria Felipa vive! E vive, sobretudo, em cada mulher preta que resiste, que cuida, que luta e que transforma.

REFERÊNCIAS:

BRASIL. Lei nº 13.697, de 26 de julho de 2018. Inscreve o nome de Maria Felipa de Oliveira no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 27 jul. 2018.

GOMES, Nilma Lino. *O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação*. Petrópolis: Vozes, 2017.

GONZALEZ, Lélia. *Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa*. São Paulo: Zahar, 2018.

KRAAY, Hendrik. *Política racial, Estado e participação popular na Independência da Bahia*. Salvador: EDUFBA, 2001.

MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Petrópolis: Vozes, 2005.

REIS, João José. *A Independência da Bahia e a participação popular*. Salvador: EDUFBA, 2010.

RIBEIRO, Djamila. *Pequeno manual antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SANTANA, Fernanda. *A história de como Maria Felipa ganhou um rosto*. Correio 24 Horas, Salvador, 01 jul. 2023. Disponível em: <https://www.correio-24horas.com.br/minha-bahia/a-historia-de-como-maria-felipa-ganhou-um-rosto-0723>. Acesso em: 01 abr. 2026.

SANTOS, Evellyn Raiana Pires dos. *(Re)pensando a invisibilidade de Maria Felipa de Oliveira nas lutas pela independência da Bahia, sob os aspectos da lei nº 10.639/03 e pelo viés da educação antirracista, 07 de nov. 2024*. Disponível em: <https://saberaberto.uneb.br/items/837a73aa-09b4-4a07-a430-8bdc26bd57a9>. Acesso em 09 abr. 2026.



Aluna: Julinda Martins Santana
 Profa. Orientadora: Helenalva de Souza Silva
 E. M. Deputado Luís Cabral
 Produção participante do Concurso Dois de Julho/2026

Enfim, uma celebração de Dois de Julho como a que acontece em Caetité, só em Caetité...

Fernanda de Oliveira Matos

Em Caetité, a celebração da Independência da Bahia ultrapassa os limites de uma comemoração cívica. O Dois de Julho transforma a cidade em um grande espaço de memória, identidade e pertencimento, reunindo práticas que atravessam gerações e mantêm viva uma tradição mais que centenária, profundamente ligada à história e à cultura local.

Mais do que recordar um acontecimento histórico, Caetité recria, ano após ano, um ritual coletivo que articula o cívico, o popular e o lúdico em uma experiência singular particularizando essa festividade do município.



Não temos conhecimento de uma “Levada da Cabocla à Pedra do Conselho” em outro lugar muito menos de um ato simbólico como este acompanhado de centenas de cavaleiros e amazonas, grupos culturais e pela população de modo geral.

A simbólica Pedra do Conselho chama atenção para uma Caetité que cresceu subindo os morros que antes era apenas um ponto de referência de entrada e saída da cidade.

A presença da Cabocla, viva, reafirma a força do brasileiro, como representação da liberdade e da resistência baiana, aproximando a memória da Independência das sensibilidades e identidades do povo sertanejo.

A celebração do Te Deum evidencia uma Caetité, onde dimensões cívica e espiritual se entrelaçavam com muita força e assim ainda ocorre. A solenidade religiosa integra a programação centenária e demonstra a permanência de tradições herdadas de antigos modelos comemorativos, nos quais fé, patriotismo e vida comunitária se uniam e ainda se unem em um mesmo gesto de celebração.

Ao cenário descrito soma-se um dos aspectos mais impressionantes do Dois de Julho caetiteense: a presença e a participação de milhares de cavalos de diferentes localidades rurais e urbanas, deste e de outros municípios, dando à festa do Dois de Julho de Caetité uma demonstração da forte relação entre a cultura sertaneja, o universo do cavalo e o caráter regional desta festividade.

A presença dos cavaleiros e amazonas em grupos de montaria ou de forma independente, imprime movimento, imponência e identidade própria à festa, fazendo da celebração um acontecimento visualmente marcante e afetivamente significativo para a população.

É bem verdade que, ao longo do tempo, a comemoração também passou por transformações. Alguns elementos tradicionais foram desaparecendo ou perdendo espaço, enquanto outros foram incorporados conforme as mudanças sociais, culturais e as próprias necessidades de uma cidade em crescimento.

Neste sentido, a ampliação da participação das escolas, grupos culturais e de diferentes segmentos da sociedade reforçam seu caráter pedagógico e patrimonial, além de revelar uma festa em constante reinvenção, capaz de preservar sua essência sem deixar de dialogar com o presente.

Assim, o Dois de Julho em Caetité constitui mais que a celebração de uma data histórica, uma celebração dinâmica da memória e da identidade local. Entre cortejos, símbolos, ritos religiosos, montarias e manifestações populares, a cidade reafirma, a cada ano, seu compromisso com a preservação de uma tradição que continua viva porque é continuamente recriada pelos sujeitos que dela participam. Em Caetité, a Independência da Bahia não é apenas lembrada: ela é celebrada, encenada, sentida e vivida coletivamente como patrimônio cultural e afetivo de seu povo.

Hino ao Dois de Julho

*Composição Ladislau dos Santos Titara
Música de José dos Santos Barreto.*

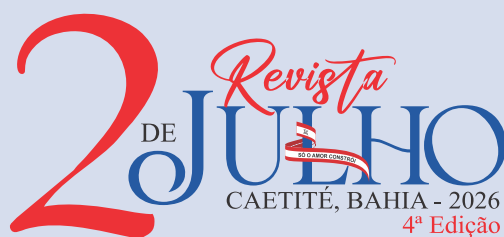
Nasce o Sol a 2 de Julho
Brilha mais que no primeiro
É sinal que neste dia
Até o Sol é brasileiro.

Nunca mais o despotismo
Regerá nossas ações
Com tiranos não combinam
Brasileiros corações.

Cresce, ó Filho de minh'alma
Para a Pátria defender
O Brasil já tem jurado
Independência ou morrer.

Salve, ó Rei das campinas
De Cabrito e Pirajá
Nossa Pátria hoje livre
Dos tiranos o será.

Nunca mais o despotismo
Regerá nossas ações
Com tiranos não combinam
Brasileiros corações.



SECRETARIA DE
EDUCAÇÃO